EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

RollingStone

rollingstone.com.br

INÊS249

BRASIL

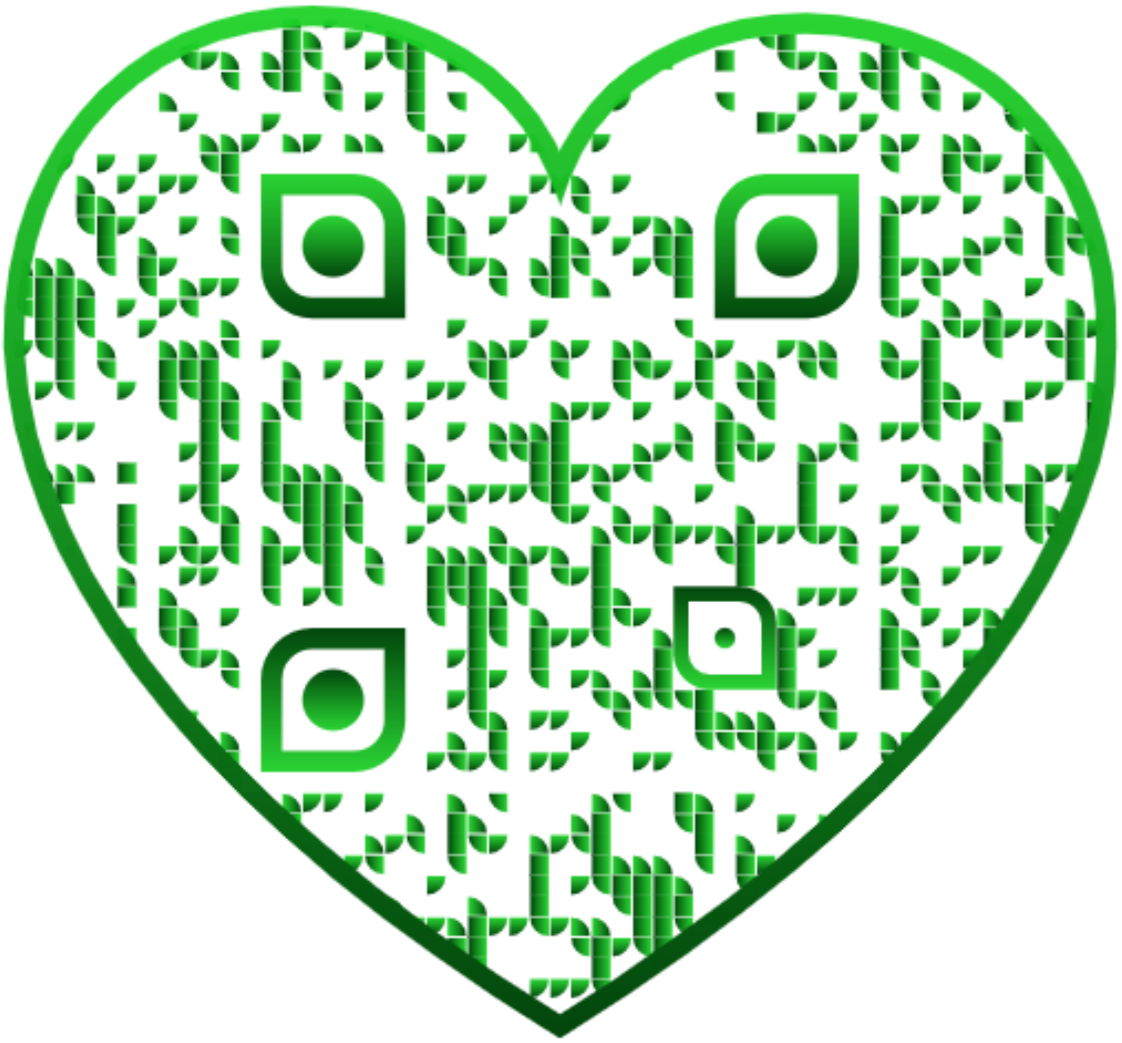
SPRING

EXCLUSIVO
20 anos de Festival João Rock

OS 50 MAIORES ÁLBUNS NACIONAIS DE 1973

Secos & Molhados • João Gilberto • Gal Costa • Paulinho da Viola • Rita Lee
Raul Seixas • Luiz Melodia • Milton Nascimento • Caetano Veloso • Tom Jobim
Elis Regina • Maria Bethânia • Chico Buarque • Clara Nunes • Tom Zé • Tim Maia

e mais



INÊS249

JOÃOROCK 20ANOS

FOI HISTÓRICO! ATÉ 2024!

PATROCÍNIO
Corinthians Colorado
Budweiser ZERO
Banco do Brasil
Coca-Cola
Jack Daniel's
APOIO
Panobianco Academia
Ophicina
Ice Lemonade
betsul
UNAERP 100 anos
PARCEIROS MÍDIA
Multi Show
BIS
89 FM A Rádio Rock
g1
Kerigma
Estúdio Flow
PARCEIROS SAÚDE
São Lucas Hospital
TRYP by Wyndham
REALIZAÇÃO
bananas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rolling Stone : os melhores álbums de 1973 /
[Rolling Stone Brasil]. -- 6. ed. -- São Paulo :
Spring Publicações, 2023.

ISBN 978-85-62921-09-4

1. Discografia 2. Rock (Música) - Brasil -
História 2. Rock (Música) - Discografia - História
I. Rolling Stone Brasil.

23-159078 CDD-781.66092

Índices para catálogo sistemático:

1. Rock : Música : História 781.66092

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ALL
ACCOR · LIVE LIMITLESS
ibis
HOTÉIS
IBIS
HOTEL E MÚSICA:
O FEAT. QUE TEM TUDO
A VER COM VOCÊ!
+ DE 130 UNIDADES NO BRASIL
MELHOR MARCA DA CATEGORIA ECONÔMICA

RollingStone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
Jay Penske, **CHAIRMAN AND CEO**
George Grobar, **CHIEF OPERATING OFFICER**
Debashish Ghosh, **MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS**
Gurjeet Chima, **ASSOCIATE VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS**
Francesca Lawrence, **ASSOCIATE DIRECTOR, INTERNATIONAL BRAND & PARTNERSHIP OPERATIONS**

ROLLING STONE USA

Gus Wenner, **PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER**
Noah Shachtman, **EDITOR IN CHIEF**
Sean Woods, **EXECUTIVE EDITOR**
Lisa Tozzi, **DIGITAL DIRECTOR**
Joseph Hutchinson, **CREATIVE DIRECTOR**
Catriona Ni Aolain, **DIRECTOR OF CREATIVE CONTENT**

Jann S. Wenner, **FOUNDER AND EDITORIAL DIRECTOR**

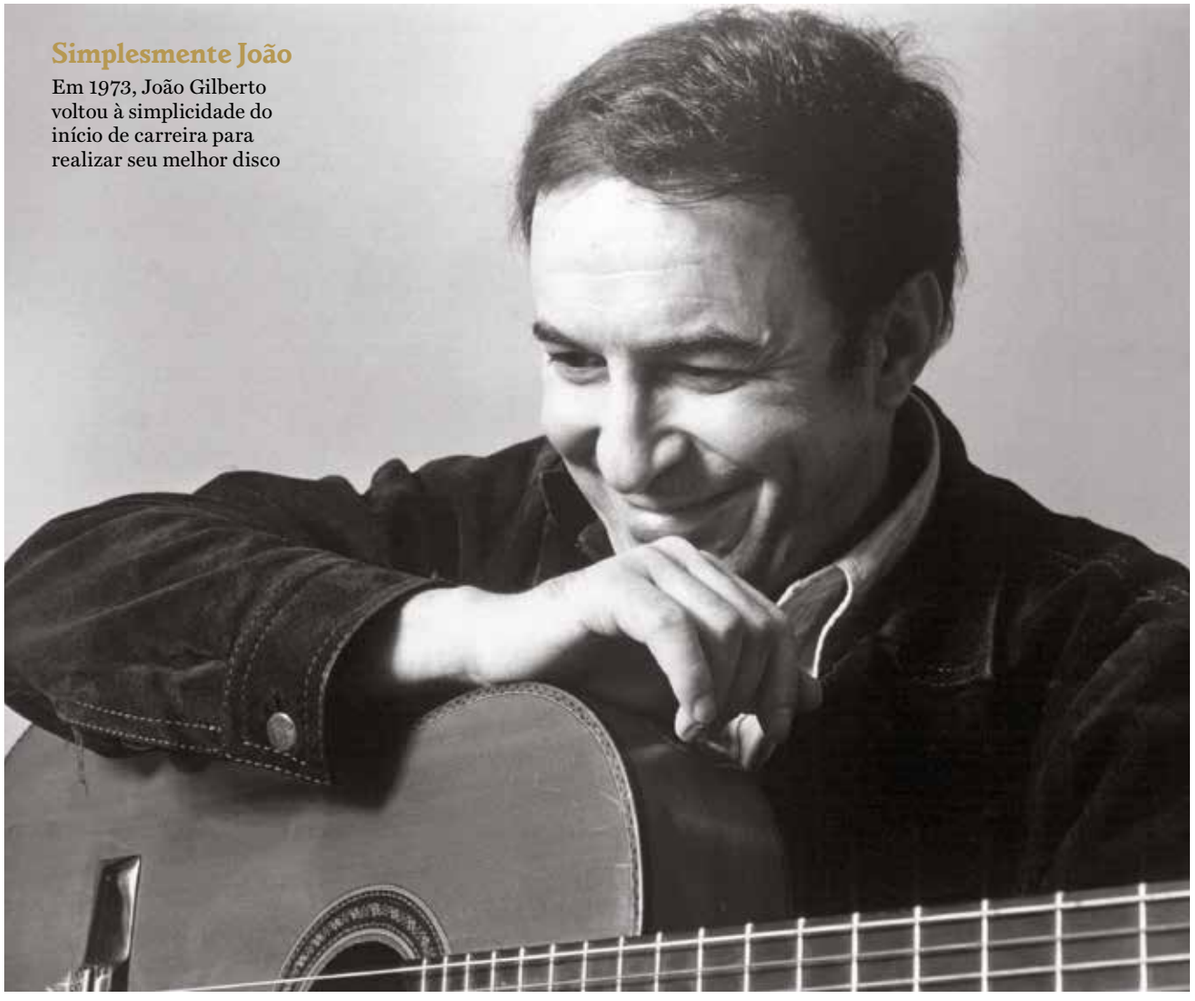
RollingStone BRASIL

PUBLISHER: Luis Fernando Maluf

DIRETOR DE CONTEÚDO:
Ademir Correa
EDITOR CONVIDADO:
Pablo Miyazawa
DIRETOR DE ARTE:
Daniel S. B. Mangione
DIRETOR COMERCIAL: Márcio Maffei
DIRETOR DE PUBLICIDADE:
Willian Hagopian
EXECUTIVOS DE CONTAS: Conceição Augusto, Mari Angela Reis, Mariana Denani, Michele Brito, Francisco Netto e Wagner Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA: Valter Santos
COLABORADORES: Alexandre Matias, Marcelo Ferla, Pedro Só, Eduardo do Valle e Felipe Grutter

SPRING

Copyright © 2023 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.



Simplesmente João
Em 1973, João Gilberto voltou à simplicidade do início de carreira para realizar seu melhor disco

Editorial UM ANO CLÁSSICO

Homenagear os maiores discos de 1973 é uma obrigação que vai muito além da simples efeméride. Há cinquenta anos, a indústria fonográfica viveu um momento especial com a chegada de *The Dark Side of the Moo*n, obra-prima do Pink Floyd que viria a ser celebrado como um dos álbuns de rock mais importantes de todos os tempos. Mas outros tantos surgiram na mesma época: *Houses of the Holy*, do Led Zeppelin; *Catch a Fire*, de Bob Marley and The Wailers; *Innervisions*, de Stevie Wonder; além de lançamentos importantes de Paul McCartney, Elton John, Marvin Gaye, The Who, David Bowie, Lou Reed, Black Sabbath...

E no Brasil? Houve revoluções musicais também acontecendo por aqui, diferentes e não menos importantes. A maior delas foi um irresistível fenômeno cultural – e de vendas – chamado Secos e Molhados, tão inesperado que contribuiu para a falta de vinil nas fábricas. A inspiração, felizmente, passeou por outros lugares, vozes e estilos. O mestre João Gilberto lançou seu "álbum branco" homônimo, considerado o melhor de sua discografia. Luiz Melodia e Paulinho da Viola colocaram para jogo seus melhores trabalhos. Outros grandes ícones da música brasileira também fizeram discos importantes em 1973: Gal Costa, Milton Nascimento, Chico Buarque, Tom Jobim, Caetano Veloso, Elis Regina, Novos Baianos... Até Rita Lee gravou um álbum, que após ser engavetado, saiu de maneira "alternativa" anos depois.

É por tudo isso que esta edição especial da *Rolling Stone Brasil* se torna tão obrigatória. Como anunciamos no título acima, 1973 foi, na falta de um adjetivo melhor, um ano clássico. Mantendo nossa tradição de valorizar a importância da música por meio da análise dos trabalhos dos artistas, dissecamos a produção nacional e internacional de meio século atrás, elegendo os cem maiores (e melhores) álbuns lançados naquele período.

Criado com um time de colaboradores experientes (o diretor de arte Daniel Mangione, que participou de toda trajetória da *RS Brasil*, mais os jornalistas Alexandre Matias, Pedro Só e Marcelo Ferla), este dossiê tem como objetivo relembrar sob quais contextos essas obras surgiram, para assim compreender por que continuam a encantar nossos ouvidos até hoje, cinco décadas depois. E para evocar o charme de se ouvir música no vinil, esta revista tem dois lados: o "A" traz a lista dos discos nacionais; virando a revista de ponta-cabeça, você encontra o "B", com os discos internacionais.

Esperamos que você aprecie a viagem.

Ademir Correa e Pablo Miyazawa – EDITORES

CAPA A: Reprodução / Antônio Carlos Rodrigues; **CAPA B**: Reprodução / George Hardie/Hipgnosis

PortoBank

Apresenta

Blue Note SÃO PAULO

Eleita a melhor casa de shows de São Paulo até 500 lugares em três categorias: som, visão de palco e transporte.

O MELHOR DE SÃO PAULO
CASAS DE SHOWS
guia FOLHA 2023
Até 500 pessoas
MELHOR **SOM**

O MELHOR DE SÃO PAULO
CASAS DE SHOWS
guia FOLHA 2023
Até 500 pessoas
MELHOR **VISÃO DE PALCO**

O MELHOR DE SÃO PAULO
CASAS DE SHOWS
guia FOLHA 2023
Até 500 pessoas
MELHOR **TRANSPORTE**

Heineken · Blue Moon · Coca-Cola — Patrocínio

Azul — Cia. Aérea Oficial

Apoio: Schweppes · Trousseau · Faixa Azul · Johnnie Walker · Zahil · Transmerica

Media Partners: novabrasil · eletromidia · Rolling Stone · Folha · Shamurama · Curta! · Kallas · zanzar · 92,5 Kiss FM

Av. Paulista 2073 • 2º Andar Conjunto Nacional

bluenotesp.com

RollingStone

Os 50 Maiores Álbuns Nacionais de 1973

SECOS & MOLHADOS - Secos & Molhados 8
JOÃO GILBERTO - João Gilberto 12
PÉROLA NEGRA - Luiz Melodia 14
NERVOS DE AÇO - Paulinho da Viola 16
KRIG-HA, BANDOLO! - Raul Seixas 18
MILAGRE DOS PEIXES - Milton Nascimento 19
ÍNDIA - Gal Costa 20
CHICO CANTA - Chico Buarque 21
MATITA PERÊ - Tom Jobim 22
QUEM É QUEM - João Donato 23
NELSON CAVAQUINHO - Nelson Cavaquinho 24
CLARA NUNES - Clara Nunes 25
ARAÇÁ AZUL - Caetano Veloso 25
ELIS - Elis Regina 26
TIM MAIA - Tim Maia 26
TODOS OS OLHOS - Tom Zé 27
PREVISÃO DO TEMPO - Marcos Valle 27
MARINHEIRO SÓ - Clementina de Jesus 28
APRESENTAMOS NOSSO CASSIANO - Cassiano 28
PRELUDE - Eumir Deodato 28
NOVOS BAIANOS F.C. - Novos Baianos 28
MANERA FRU FRU, MANERA - Fagner 29
GUILHERME LAMOUNIER - Guilherme Lamounier 29
EU QUERO BOTAR O MEU BLOCO NA RUA
Sérgio Sampaio 29
MATANÇA DO PORCO - Som Imaginário 29
MEU CORPO, MINHA EMBALAGEM, TODO GASTO NA VIAGEM - Pessoal do Ceará 30
ELTON MEDEIROS - Elton Medeiros 30
EDU LOBO - Edu Lobo 30
DONATODEODATO - João Donato e Eumir Deodato 30
JOÃO BOSCO - João Bosco 31
ROBERTO CARLOS - Roberto Carlos 31
AFRICADEUS - Naná Vasconcelos 31
FOTOGRAFIAS - Taiguara 31
SATWA - Lula Côrtes e Lailson 31
UNDERGROUND - Marku Ribas 31
OU NÃO - Walter Franco 31
DRAMA 3º ATO - Maria Bethânia 32
LUIZ GONZAGA JR. - Gonzaguinha 32
A MÚSICA LIVRE DE HERMETO PASCOAL
Hermeto Pascoal 32
TERRA - Sá, Rodrix e Guarabyra 32
FRANCIS HIME - Francis Hime 32
OS TINCOÃS - Os Tincoãs 32
SP 73 - Hareton Salvanini 32
SIVUCA - Sivuca 33
NO SUB REINO DOS METAZOÁRIOS - Marconi Notaro 33
ANTÔNIO MARCOS - Antônio Marcos 33
ODAIR JOSÉ - Odair José 33
CANTO POR UM NOVO DIA - Beth Carvalho 33
TRIO MOCOTÓ - Trio Mocotó 33
SAMBA DA BAHIA - Riachão, Batatinha e Panela 33
CILIBRINAS DO ÉDEN - Rita Lee 34

Secos & Molhados

Secos & Molhados Continental

O fenômeno efêmero que impactou tantos brasileiros em tão pouco tempo teve início com uma obra refinada e recheada de hits, que ganhou lugar merecido entre os maiores álbuns da música popular brasileira. *Por Marcelo Ferla*

"Enquanto as pessoas não puderem descer das arquibancadas, eu não canto", bradou o cantor, afrontando os policiais em plena ditadura militar. Cerca de 25 mil pessoas conseguiram entrar no Maracanãzinho, naquela noite histórica de sábado, 23 de fevereiro de 1974. Diz-se que pelo menos outro tanto ficou do lado de fora do ginásio carioca. "Deixem eles chegarem mais perto", insistia o líder do grupo. Os policiais, estupefatos, não reagiram até que o público inflamado passou a jogar moedas neles, que enfim, cederam. Só então, Ney Matogrosso soltou seus trinados para cantar "Rosa de Hiroshima", rebolando sem camisa, com o rosto pintado de branco e franjas de couro descendo dos braços. Ao seu lado, estavam os Secos & Molhados nucleares – João Ricardo, nos violões de 6 e 12 cordas, gaita e vocais, e Gérson Conrad, nas violas e vocais, igualmente maquiados – e a banda de apoio, com John Flavin na guitarra, Willy Verdaguer no baixo, Marcelo Frias na bateria e percussão, Sérgio Rosadas nas flautas e Emilio Carrera no piano.

A primeira apresentação solo de um grupo de rock no Maracanãzinho foi consequência do sucesso meteórico do LP homônimo de estreia do Secos & Molhados. Lançado em agosto de 1973, alcançou um recorde histórico na indústria fonográfica brasileira ao vender mais de 300 mil cópias nos primeiros 60 dias. Em plena crise do vinil, a gravadora Continental tinha produzido apenas 1500 LPs, e foi obrigada a derreter discos de outros artistas para atender a demanda. A repercussão que o programa *Fantástico*, da Globo, deu ao espetáculo no domingo seguinte, 3 de março, em uma reportagem de oito minutos, alavancou mais as vendas. Um ano depois de lançado, o álbum chegou à marca do milhão de cópias vendidas.

A consagração do Secos & Molhados no programa tradicional dos domingos da TV brasileira começou com o apresentador Miéle explicando o significado da palavra andrógino e questionando se "afinal, os Secos & Molhados são a explosão de um novo caminho musical ou de um comportamento?". A reportagem mostrou cenas do grupo se maquiando no camarim e refletindo sobre a importância daquele evento, além de exibir trechos longos de três músicas, "Rosa de Hiroshima", "Sangue Latino" e "O Vira". O tamanho que o grupo atingiu de forma meteórica é uma façanha surpreendente quando avaliamos o conteúdo do álbum que a censura deixou passar – das críticas pesadas contra o regime militar às mensagens anti-sistema, sem contar a imagem transgressora e a dança libidinosa e sensual do frontleader, um "homem com H" apesar de homossexual assumido desde os 18 anos.

O Secos & Molhados surgiu no final de 1970, na litorânea Ubatuba (SP), como um projeto de João Ricardo, cantor e compositor nascido em Portugal e radicado no Brasil, por conta do exílio imposto pela polícia política lusitana ao seu pai, o poeta e jornalista João Apolinário. Fã de rock francês, de Elvis Presley e de Beatles, da MPB de Miltinho e Doris Monteiro, e desde que mudou para o Brasil, da Jovem Guarda, João convidou a dupla Antônio Carlos (o Pitoco) e Fred para integrar a primeira formação do Secos & Mo-

DESTAQUES: "Sangue Latino", "Rosa de Hiroshima", "O Vira", "Fala", "Assim Assado".

REPRODUÇÃO

lhados. Em 1971, o grupo mesclava gêneros regionais brasileiros com pop, tocados com viola de 10 cordas, violão folk, gaita e bongô. Mas durou pouco.

O primeiro episódio de sucesso do trio se iniciou quando João Ricardo conheceu o vizinho Gérson Conrad, paulistano instrumentista, compositor, arranjador e cantor influenciado por bossa nova, jazz, pop e rock, fã do quarteto Crosby, Stills, Nash and Young – o qual, aliás, inspirou a formatação dos arranjos vocais do Secos & Molhados. Quando Pitoco e Fred saíram da formação original, a entrada de Conrad para o projeto era uma opção óbvia. Só faltava encontrar um homem com voz feminina, como queria João, para completar o time. Em uma conversa com a cantora e amiga Luli, ele ouviu pela primeira vez o nome de Ney de Souza Pereira.

Ney nasceu em Bela Vista, no Mato Grosso, fronteira com o Paraguai, em 1941. Cantava em bares e cabarés na adolescência, tentou a carreira na Aeronáutica em Brasília, mas desistiu e foi morar no Rio de Janeiro em 1966, onde virou um hippie vendedor de peças de artesanato em couro. Assíduo frequentador da casa de Luli em Santa Teresa, onde aproveitava o quintal para montar suas peças, ele eventualmente dava uma pausa para cantar com a amiga, que ministrava aulas de violão. Convidado a integrar o Secos & Molhados, Ney passou uma temporada em Búzios para, somente dois meses depois, vender seu despertador, comprar uma passagem para São Paulo e se encontrar com João Ricardo e Gérson Conrad. Durante os meses de ensaios não remunerados, Ney sobreviveu vendendo artesanato e fazendo pontas em peças teatrais.

A participação de Ney no musical *A Viagem,* no Teatro Ruth Escobar (SP), foi fundamental para o Secos & Molhados, que àquela altura já estava bem ensaiado. O novo trio estreou no final de 1972 na Casa da Badalação e Tédio, o café-concerto anexo ao teatro, acompanhado pela banda da peça e com os seus 70 atores formando a primeira plateia. Com 31 anos, preocupado em preservar a liberdade que artistas bem-sucedidos perdem (segundo sua crença pessoal na época), Ney já surgiu maquiado, inspirado nas fotos de teatro kabuki que via no bairro da Liberdade. A temporada de três shows foi um sucesso, mas a atriz Ruth Escobar, proprietária do espaço, ficou chocada pela presença "de loucos e drogados na plateia" e proibiu mais apresentações. Foi neste

Assim, Assado
(*A partir da esq.*) Gérson Conrad, João Ricardo e Ney Matogrosso: sem grandes pretensões, o Secos & Molhados fez uma revolução de costumes na sociedade brasileira

momento que o produtor e empresário Moracy do Val abraçou a causa, conseguindo apresentações em programas de TV e um contrato com a Continental, depois de receber muitas negativas de executivos de outras gravadoras.

O Secos & Molhados gravou em 15 dias as faixas com melodias radiofônicas de sua estreia, mixando ecos de tropicalismo com liberdade sexual, folk rock com transgressão, glam rock com crítica social, poesia em português com rock progressivo, concedendo todo um novo status ao rock brasileiro – embora o grupo tenha afirmado no lançamento que se trata de "um disco de rock que não é um disco de rock".

Secos & Molhados vendeu mais do que Roberto Carlos, o ídolo-mor da Jovem Guarda, primeiro movimento de rock cantado em português, muito calcado em versões estrangeiras. Vale dizer que, antes e na mesma época dos Secos & Molhados, os artistas da Tropicália, incluindo Os Mutantes, os mineiros do Clube da Esquina, os Novos Baianos e o conterrâneo Raul Seixas, os nordestinos, como Alceu Valença, Zé Ramalho e Fagner, e grupos de rock progressivo, como O Terço, fizeram rock autoral brasileiro de relevância em seu tempo e espaço, misturados com elementos de gêneros típicos de suas realidades geográficas. Mas nenhum deles impactou tanta gente em tão pouco tempo, incluindo as crianças, uma das chaves para explicar porque os censores da época pegaram leve com o Secos & Molhados, que nem por isso deixou de ter músicas censuradas e episódios da tradicional truculência da polícia militar.

A abertura enigmática e instigante do lado A de *Secos & Molhados*, última faixa a ser registrada no Estúdio Prova, é um clássico por si só, mesmo antes de Ney Matogrosso soltar a voz quente e passional: um riff de baixo acompanhado por uma discreta percussão prepara o caminho para o violão de 12 cordas, que brilha por três segundos até a entrada triunfal da letra de protesto resiliente contra a colonização da América Latina: "E o que me importa é não estar vencido", diz um dos versos de "Sangue Latino", composta por João Ricardo e Paulinho Mendonça.

"O Vira", parceria de João Ricardo e Luli com a letra que evoca uma festa infantil, foi o rock com elementos de folclore português que colocou o Secos na graça das crianças. Embora o refrão "vira vira vira homem/ vira vira lobisomem" não tenha essa intenção, a música que foi executada em rádios de todo o país ganhou uma conotação homossexual – o tapa-sexo que Ney usava nas apresentações ajudou.

"O Patrão Nosso de Cada Dia", escrita por João Ricardo e cantada pelo trio, começa e termina com sinos que evocam o começo e o fim de uma jornada de trabalho, refletindo questões existenciais de um personagem que sofre por um amor não correspondido e se vê explorado cotidianamente pelo patrão: "Eu vivo preso/ à sua senha/ sou enganado" (...) "Eu já não sei se sei/ de tudo ou quase tudo/ eu só sei de mim/ de nós/ de todo mundo."

LUCIO MARREIRO/ABRIL COMUNICAÇÕES S.A.

As linhas de baixo virtuosas de Willy Verdaguer introduzem mais um rock cantado em três vozes, "Amor", com melodia de João Ricardo para os versos escritos por seu pai, João Apolinário: "Suave coisa nenhuma" (...) Sombra, silêncio ou espuma/ Nuvem azul/ Que arrefece".

Outra faixa da safra pai e filho, novamente cantada em três vozes, é o blues que encerra o lado A, "Primavera nos Dentes", com uma longa introdução em clima de jam session e versos de resistência política: "Quem tem consciência para ter coragem/ Quem tem a força de saber que existe/ e no centro da própria engrenagem/ inventa a contra-mola que resiste".

O lado B começa com o rock "Assim Assado", de João Ricardo (cuja introdução remete a uma versão sutil da abertura de "Sympathy for the Devil", dos Rolling Stones), com uma letra espetacular para narrar a violência da ditadura militar. A autoridade, no caso, é o Guarda Belo, em alusão ao personagem do desenho animado *Manda-Chuva*, que faz uma abordagem a uma pessoa na madrugada, "o velho". Para contar que o policial aponta o revólver para o velho, a letra diz: "É posto em cena/ fazendo cena/ um treco assim/ Bem apontado/ ao nariz chato/ assim assim". O velho fica assustado e não reage, mas o policial vai adiante e atira: "Ele decide/ no terno velho/ assim assim/ porque ele quer um velho assado". Na conclusão, a autoridade é apontada como o cidadão que cumpriu o seu dever: "E o guarda belo/ é o herói/ assim assim assado".

Rock com pegada pop e arranjo pontuado pelo piano, "Mulher Barriguda" é um poema de Solano Ribeiro musicado por João Ricardo, que indaga o futuro do mundo se as guerras persistirem: "Mulher barriguda que vai ter menino/ qual o destino que ele vai ter?". A cantiga "El Rey", composta por Gérson Conrad e João Ricardo, tem seus versos cantados junto a um trilha sutil de violão e flauta, que concede mais clareza às frases. É uma das faixas que os censores parecem não ter entendido, pois tira onda pesadamente contra os governantes em versos como "Eu vi El Rey andar de quatro/ de quatro caras diferentes".

Para amenizar a crítica ao regime totalitário vigente no Brasil, a pacifista "Rosa de Hiroshima" traz um tema mundial que reúne pólos opostos do mesmo lado. O poema de Vinícius de Moraes, escrito um ano após as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, ganhou melodia de Gérson Conrad, virou um grande sucesso nacional e teria despertado ciúme em João Ricardo, que compôs a melodia para a faixa seguinte, o country rock "Prece Cósmica" – que, por sua vez, traz outro poeta brasileiro para a pauta pacifista, Cassiano Ricardo, e mais uma vez os perigos de uma guerra nuclear. Aliás, o espaço concedido para a poesia nacional é apontado como outro fator para que o governo Médici, empenhado em saudar os feitos de "um país que vai pra frente", tenha aturado a música do Secos & Molhados.

A faixa 6 do lado B é uma canção pop de ninar acompanhada por flauta e violão que se chama "Rondó do Capitão", com melodia de João Ricardo para um poema de Manuel Bandeira. Cassiano Ricardo ressurge na vinheta que se sucede, "As Andorinhas", a peça de arte visual que era o tema de abertura dos shows do grupo, em que palavras fragmentadas remetem a pássaros nos fios de postes.

O álbum termina lindamente com a balada "Fala", segunda parceria de João Ricardo com Luli, com arranjo de Zé Rodrix à base de piano, baixo, bateria e pandeiro, que ganha uma tensão grandiloqüente com a orquestra na segunda parte. O improviso no final, feito com o moog tocado por Zé Rodrix, foi cortado do LP original, mas ressurgiu na versão em CD.

Secos & Molhados é uma obra refinada que conquistou as massas e colocou o trio, fenômeno efêmero que gravou apenas mais um disco e terminou por divergências internas, entre os maiores da música popular brasileira de todos os tempos – inclusive dos tempos tenebrosos da ditadura militar, que "desafiou até o limite", como gosta de contar Ney Matogrosso, por sinal, filho de um militar que rejeitava a ideia de ter um filho artista.

Um banquete antropofágico – e uma capa icônica

Há 50 anos, a indústria fonográfica brasileira vivia uma fase de expansão, e as capas dos LPs eram concebidas como um atrativo objeto de arte. Com layout de Décio Duarte Ambrósio, a capa de *Secos & Molhados* se inspirou em um ensaio do fotógrafo Antônio Carlos Rodrigues, ex-colega de redação de João Apolinário, para a revista *Fotoptica*, com a cabeça de uma mulher servida em um prato de papelão prateado. O trio e o baterista Marcelo Frias, que depois resolveu permanecer no grupo apenas como um músico convidado, posaram "decapitados" e devidamente maquiados em meio a lingüiças, cebolas, broas, biscoitos e grãos de feijão, emulando um banquete antropofágico. A sessão durou uma madrugada inteira, com o quarteto sentado em cima de tijolos e luz quente na cara, em uma das noites mais frias daquele ano. Os esforços valeram a pena. **M.F.**

REPRODUÇÃO

O Secos & Molhados gravou sua irresistível estreia em 15 dias – de acordo com o grupo, "um disco de rock que não é um disco de rock"

João Gilberto

João Gilberto Phonogram

Para reinventar radicalmente a música brasileira, o pai da bossa nova isolou sua voz e violão de todo o resto e voltou-se para suas origens. O resultado foi o seu melhor álbum – e um marco central em nossa cultura. *Por Alexandre Matias*

O sucesso global foi um acidente de percurso. João Gilberto sempre soube para onde queria levar a música brasileira, quando a compactou de forma sutil e suave no arco formado por sua voz e violão, duas revoluções paralelas e complementares. Seu canto, macio e contido, separava as sílabas de forma esparsa enquanto quase sussurrava melodias como se as atraísse para aquele novo universo. Seu violão conciliava uma mão esquerda que abria acordes dissonantes e uma mão direita que percutia as cordas minimamente, reduzindo toda a cadência do samba ao fisgar o ritmo em um instrumento harmônico. Juntos em uma mesma pessoa, o canto e o toque mudariam a música brasileira.

E também a do mundo. Ao ser içado para o topo do mercado fonográfico graças ao sucesso de "Garota de Ipanema", João viu o trabalho conduzido ao lado do amigo Tom Jobim por três discos mágicos – *Chega de Saudade* (1959), *O Amor, O Sorriso e A Flor* (1960) e *João Gilberto* (1961) – virar febre comercial. O sucesso transformou sua invenção em fórmula, deixando a sutileza de lado. Foi também o sucesso que levou João Gilberto para fora do Brasil, quando o país começava a mergulhar na longa noite da ditadura militar. Mudou-se para os Estados Unidos e viu de longe as transformações pesando o clima, inclusive na música. Seus discípulos bossanovistas inventavam outra música brasileira, abraçando o jazz e o rock, gerando um novo rótulo, a sigla MPB, que se confundiria, com o tempo, com a própria música brasileira.

Em uma de suas visitas, João deparou-se com um Rio de Janeiro nublado, como se o tempo fechado refletisse as dificuldades do Brasil. Na mesma época, visitou o grupo Novos Baianos, com quem teve afinidade quase instantânea, e ensinou-os a baixar o volume e a ouvir a nossa música – foi essa temporada que inspirou o clássico *Acabou Chorare*, lançado em 1972. A passagem serviu para João ter certeza de que era preciso, mesmo fora, retomar o projeto atropelado pelo sucesso comercial da bossa nova. Em um passeio pelo Central Park em Nova York, ao lado de Luiz Eça e Tom Jobim, ele soube que, mais uma vez, era preciso reinventar a música brasileira. Desta vez, de forma radical.

Conhecido como "álbum branco", o disco que João Gilberto gravou em sua volta para os Estados Unidos retomava seu trabalho a partir de seu disco de 1961, também batizado com seu nome. Mais uma vez, ele visitaria clássicos de sua juventude ao mesmo tempo em que festejaria novos autores. Mas, diferente dos discos que gravou com Jobim, não haveria outros músicos nas gravações. João não queria que voz e violão fossem o centro das canções – na verdade, eram seu único veículo.

Para alcançar isso, o registro foi realizado em um estúdio quase caseiro em Nova Jersey, para recriar a atmosfera doméstica que ele queria. A coordenação ficou com a jornalista Sue Cassidy Clark, que sugeriu uma dupla formada por ela e Wendy Carlos para gravar o álbum. As duas já haviam trabalhado juntas no disco *Switched-On Bach,* que tornou Carlos, pioneira no uso dos sintetizadores, uma produtora de renome.

É Wendy Carlos a arma secreta do disco branco de João. Ela já havia assinado a trilha do filme *Laranja Mecânica* com seu nome

DESTAQUES: "Águas de Março", "Undiú", "Eu Vim da Bahia", "É Preciso Perdoar".

de batismo, Walter Carlos, mas sempre soube que era uma mulher em um corpo de homem, e à medida em que começou a fazer sucesso, foi conduzindo sua transição. Tanto que nem havia adotado seu novo nome durante a produção de *João Gilberto*, assinando apenas como W. Carlos.

Por vir da eletrônica, Wendy percebeu que gravar aquele brasileiro ia de encontro à sua formação, encarando a tarefa como um desafio. Percebendo a desconfiança do baiano, trabalhou de forma discreta, deixando-o à vontade e comunicando-se apenas com sorrisos. Logo percebeu que a grandeza de João vinha da simplicidade, e que gravar aquele disco era algo tão desafiador quanto gravar o silêncio.

Para isso, deixava João com seu violão cercado de poucos microfones, que captavam tanto sua voz quanto suas mãos. O canto e o toque eram o resultado final de uma série de gestos mínimos – nos dedos e na boca –, cujos ruídos Wendy também queria registrar. Detalhes como a respiração, o estalar da língua e dos lábios e os dedos que escorregam nos trastes eram gravados com precisão. Além de João, apenas dois convidados: Sonny Carr, creditado como baterista, mas que tocava uma cesta de vime com vassourinhas de jazz, e a cantora Miúcha, mulher de João à época, com quem dividiu a última canção, "Izaura".

João Gilberto abre com "Águas de Março", lançada por Tom Jobim no ano anterior, e "Undiú", composição intuitiva que João trouxe das lembranças de quando morava às margens do Rio São Francisco. As duas são esticadas como mantras eternos, característica que atravessa outras faixas ("Valsa", feita para sua filha Bebel, e a inacreditável versão instrumental para "Na Baixa do Sapateiro", de Ary Barroso).

Entre os novos autores, pinçou uma de Caetano ("Avarandado") e outra de Gil ("Eu Vim da Bahia", que tornaria-se sua favorita) para figurar entre outras de Geraldo Pereira ("Falsa Baiana"), Janet de Almeida ("Eu Quero Um Samba") e a deslumbrante "É Preciso Perdoar". É um repertório precioso, de um disco que não só fez João voltar ao ponto que havia deixado no passado (e recriar sua personalidade nas décadas seguintes, solitário no palco), como o ajudou a retomar valores que haviam ficado para trás antes do golpe de 1964. Uma obra clássica e moderna, o melhor disco de João Gilberto é um marco central em nossa cultura.

REPRODUÇÃO

Pérola Negra

Luiz Melodia Philips

Com baixa vendagem na época, o álbum entrou para o cânone da MPB ao exibir o talento e a inspiração de um poeta popular que trazia o melhor de dois mundos: o da tradição nacional e o da modernidade global. *Por Pedro Só*

Depois que Gal Costa a entoou, no show *Fa-tal – Gal A Todo Vapor*, em outubro de 1971, a dilacerada canção de amor e incerteza "Pérola Negra" iniciou uma viagem fantástica. Em junho de 1973, a música batizaria o LP de estreia de seu autor, Luiz Melodia, um preto magrelo do morro de São Carlos, centro do Rio de Janeiro. Ele tinha só 22 anos, mas desde 1970 já causava frisson em certas rodas. O álbum vendeu muito pouco na época. Com o passar do tempo, porém, a obra curta e cortante (pouco mais de 27 minutos) entrou para o cânone da música popular brasileira.

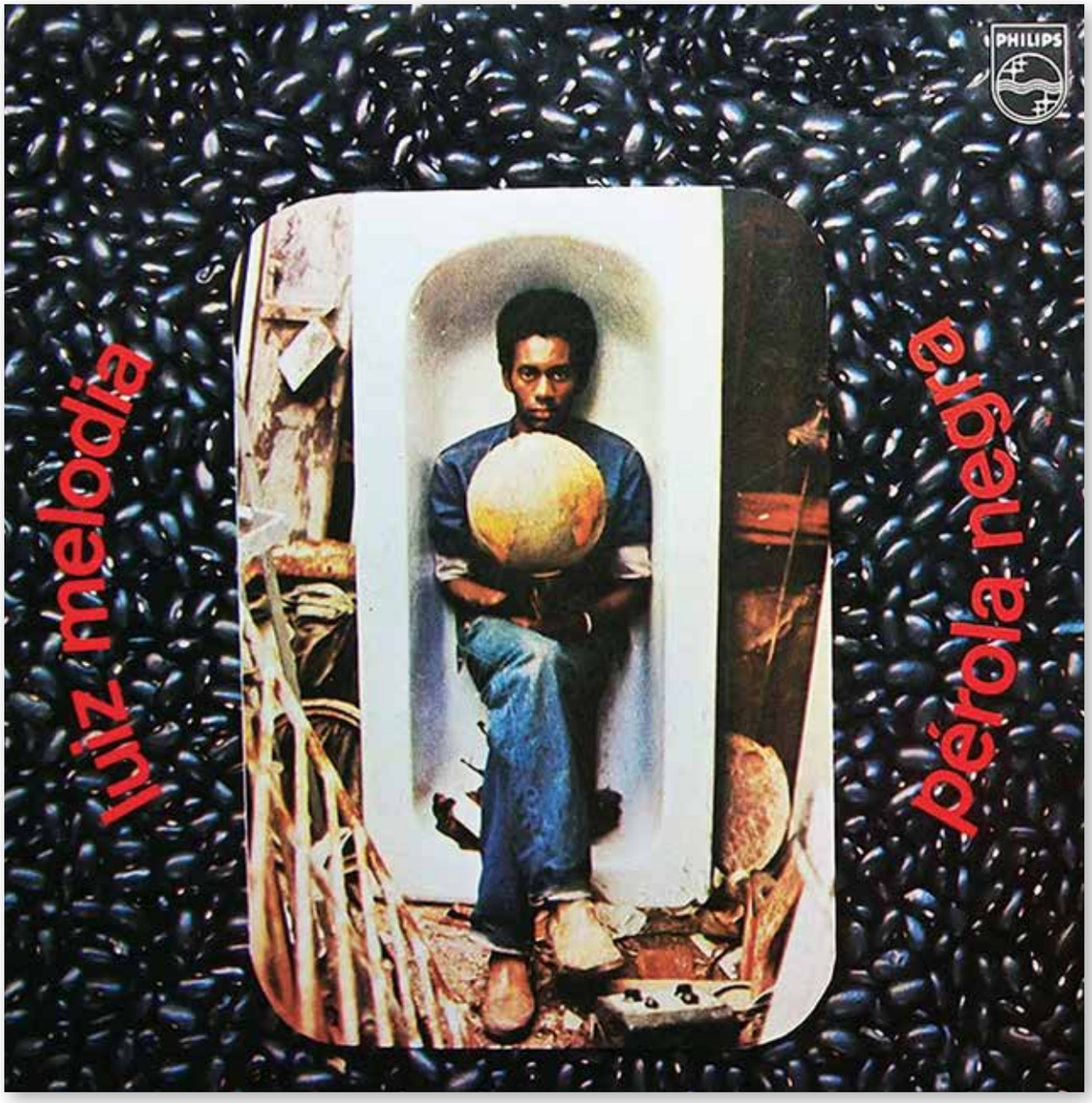
A concisão de *Pérola Negra* tem motivo duro: sob o governo Médici, a censura sufocava a arte. A despeito das tentativas do empresário de Melodia, Guilherme Araújo, a canção "Feras Que Virão", com a sutil ameaça de "Eu nasci magrinho/ toco pinho/ não sou tinta/ mas qualquer hora posso pintar/ vou fazer lenha queimar", teve de ser retirada (só seria gravada em 1980, no disco *Nós*), bem como "Feto, Poeta do Morro", o que atrasou em pelo menos três meses o lançamento do LP. "Farrapo Humano" passou por idas e vindas até ser liberada. E mesmo a inocente "Prá Aquietar", inspirada em passeios de infância na ilha de Paquetá, foi alvo de implicância. Só de raiva, Melodia trocou os trechos canetados por palavras aleatórias, o que explica o nonsense de versos como "não posso pra lá paraguaio para".

Mesmo mutilada, essa estreia apresentou em dez faixas o talento bruto e a inspiração lapidar de um poeta popular que trazia em cérebro e vísceras o melhor de dois mundos: o da tradição nacional e o da modernidade global. Foi provavelmente o primeiro compositor a surgir com tal perfil em uma favela brasileira.

Luiz Carlos dos Santos foi criado no morro de São Carlos, no Estácio, bairro onde Ismael Silva fundou a Deixa Falar, pioneira das agremiações carnavalescas. Foi descoberto por Waly Salomão quando ainda servia ao Exército e cresceu sem se prender à tradição local de samba de morro, seresta e choro. Aprendeu a gostar de boleros e de samba-canção, mas sua janela para o mundo foram programas de rádio como *Hoje é dia de rock*, de Jair de Taumaturgo. Tragado pelo iê-iê-iê da vizinhança (a rua Haddock Lobo, reduto da Jovem Guarda, começa no Largo do Estácio), montou conjuntos para embalar bailinhos, cantando em inglês "embromation". Suas primeiras composições eram ingênuas, até topar com o tropicalismo. Quando conheceu três irmãs que tinham recém se mudado para o São Carlos, veio a ponte com um dos elementos centrais dessa turma, o poeta, compositor e agitador cultural Waly Salomão.

Ele e Torquato Neto levaram o compositor para a órbita da poética moderna de Caetano e Gil, a liberdade inventiva de Jards Macalé... e à casa de Gal Costa. Foi lá que, sob os olhares desconfiados da mãe da cantora, Melodia encantou todos com certa balada blues. Ela já tinha o dedo de Salomão, que havia sugerido a troca do tratamento "my black, meu nego" por "Pérola Negra", que era o apelido de um travesti do Estácio chamado Adílson. A verdadeira inspiração, porém, tinha sido uma ex-namorada.

DESTAQUES: "Pérola Negra", "Magrelinha", "Farrapo Humano", "Estácio, Holly Estácio".



Pérola Negra, o disco, deve boa parte de sua identidade ao baiano Perinho Albuquerque, que assina como "diretor musical" e é autor de nove dos dez arranjos. Guitarrista da segunda formação dos Panteras de Raulzito, ele tinha começado a trabalhar com Maria Bethânia e Caetano Veloso em 1964. Como arranjador ou produtor, consta de boa parte da produção dos baianos durante a década de 1970.

Perinho convocou o Regional de Canhoto e o flautista Altamiro Carrilho para a faixa de abertura, o samba-choro "Estácio, Eu e Você", primoroso exercício de estilo. O mítico bairro também inspira "Estácio, Holly Estácio", que mistura chapação e bode da ditadura com a carícia da gaita de Rildo Hora. A última do lado 2, "Forró De Janeiro", seria igualmente comportada – e bem cortada pelo acordeão de Dominguinhos –, não fosse a participação demente de Damião Experiença, gritando imprecações ininteligíveis. Ele e Melodia se conheciam do Estácio.

Perinho abre espaço para Arthur Verocai arranjar o soul/rock "Prá Aquietar", com a guitarra de Hyldon puxando a barca. Mas o produtor também arregaça as mangas e toca: no dolorido jazzismo de "Abundantemente Morte", dá vazão a seu lado fã de Kenny Burrell.

As outras cinco canções embluesadas traduzem aqueles loucos anos de repressão e hippiesmo tardio. "Farrapo Humano" fala em suicídio, mas com um suingão danado. Sua alma gêmea é o fox "Objeto H", com toques de Nat King Cole Trio dando leveza aos versos de pulsos rasgados: "Morre direito gostoso/ coração vermelho/ um dia volto e digo/ você não foi comigo/ ninguém mais leu o meu signo".

"Vale O Quanto Pesa" joga afrocubanidade na mistura, com destaque para os metais (sem crédito no disco) e para uma bem sacada viola tocada por Perinho. Também é ele quem entra rasgando a guitarra em outra balada cor de sangue blues, "Magrelinha", com o baixo de Rubão Sabino e o piano de Antonio Perna construindo a dramaticidade perfeita para a inquietação pop tropicalista.

Na faixa-título, que já era conhecida na voz de Gal e no arranjo roqueiro de Lanny Gordin, brilhou novamente a direção musical de Perinho, com sopros tão classudos que parecem ter sido adaptados da introdução de uma gravação clássica do bebop. Seja como desdobramento do tropicalismo ou marco da MPB, "Pérola Negra" está há cinco décadas como joia única.

REPRODUÇÃO

Nervos de Aço

Paulinho da Viola Odeon

Trabalho mais cultuado da discografia do artista carioca, o álbum fez história ao promover evoluções no samba sem deixar o samba de lado – e sem jamais deixar a tristeza predominar. *Por Pedro Só*

Disco triste? não se deve julgar pela capa. O trabalho mais cultuado de Paulinho da Viola tem pelo menos dois sambas totalmente "pra cima": um é "Não Leve a Mal", com cuíca roncando e um inusitado cravo (que estava perdido pelos estúdios da Odeon) fazendo as vezes de cavaco. Outra é "Nega Luzia", pândega crônica de Wilson Baptista, com a flauta de Copinha e o trombone de Nelsinho achando graça da situação: "a nega recebeu um Nero e queria botar fogo no morro".

Nervos de Aço é dedicado ao pintor catarinense Walter Wendhausen. Os dois se conheceram quando Paulinho, moleque, era levado pelo pai, Cesar Faria, aos saraus na casa de Jacob do Bandolim. Adulto, o sambista o reencontraria em reuniões de artistas e intelectuais, típicas dos anos 1960, junto com outro amigo e parceiro fundamental, o produtor e poeta Hermínio Bello de Carvalho.

Carismático e culto, foi ele quem apresentou Hermínio e toda uma geração a Noel Rosa, Ismael Silva e outros bambas do Estácio. Cenógrafo, ilustrador e pintor, comunista militante, Wendhausen é o autor da capa do primeiro disco de Paulinho, feito em dupla com Elton Medeiros, *Samba na Madrugada* (1966). Morreu em 1973.

Já a capa de *Nervos de Aço* é de Elifas Andreato. Um trabalho icônico, mas que acabou contribuindo para colar no disco a pecha de tristonho. A imagem de Paulinho, lua cheia ao fundo, com um buquê de flores na mão e "lágrimas de esguicho" na face (na expressão de Nelson Rodrigues), podia ser classificada como hiper-realista – ou kitsch mesmo.

Fato é que o Paulinho de 30 anos que chega a este disco não é um pintor naîf criado e autenticado no morro, nem tampouco um purista envolto em uma bolha de choro. Ele é um músico e poeta com lastro popular, respeitado desde cedo pelos maiores artesãos do morro (Zé Kéti, Cartola, Candeia), com vivência autêntica em escolas de samba. Mas também é um artista engajado nas questões políticas e estéticas de seu tempo (por um ano, fez parte de uma célula comunista). E, claro, é o cara que tinha feito "Sinal Fechado" em 1969.

Nervos de Aço é o álbum de Paulinho da Viola que tem mais saídas em direção à MPB – ou expansões do samba, dependendo do referencial. São caminhos para os quais ele só retornaria raramente. Aliás, na época do lançamento, Paulinho declarou ao *Jornal do Brasil* que a linha de experimentações de "Sinal Fechado" estava encerrada: "Parei de propósito. Achei que o samba como linguagem era muito mais importante".

Nervos de Aço fica na história como um ponto raro. Promove evoluções no samba, sem que ele deixe de ser samba. A releitura da faixa-título, de Lupicínio Rodrigues, é modernizante, tanto no canto suave quanto no arranjo de piano. E mesmo o samba de terreiro "Não Quero Mais Amar a Ninguém", de Carlos Cachaça, Cartola e Zé da Zilda, tem sua divisão elegantemente ajeitada de um jeito que virou referência.

A abertura é com "Sentimentos", joia melódica criada por Mijinha, irmão de Manacéa e Aniceto, da Velha Guarda da Portela. Paulinho passa um mel na letra "dura" ("depois daquele dia em que fui sabedor") e, com o clarinete de Copinha à frente e as pastoras da Velha

DESTAQUES: "Roendo as Unhas", "Nega Luzia", "Cidade Submersa", "Choro Negro".

Guarda na retaguarda, só quebra o tom tradicional com o piano de um jovem músico recém-incorporado a seu grupo: Cristóvão Bastos, autodidata que começou no acordeão, criado no subúrbio carioca, em Marechal Hermes, ganhou Paulinho de cara, por dialogar com ele em alto nível no idioma do choro, ao mesmo tempo em que mostrava domínio de referências de jazz. Isso aconteceu em janeiro de 1973, quando Paulinho estreou um show na boate Flag, em Copacabana. Paralelamente, Cristóvão viria a desenvolver um trabalho importantíssimo como um dos fundadores da Banda Black Rio. Isso, claro, é outro papo, mas ajuda a contextualizar a visão e a liberdade artística entre os protagonistas de *Nervos de Aço*.

No encarte, Paulinho agradece aos "amigos Cristóvão, Copinha [*Nicolino Copia, lenda da flauta*], Nelsinho [*trombonista e maestro*] e [*maestro Lindolfo*] Goya" pela complementação dos arranjos: "Esse trabalho é a soma do amor descontraído, como se tivéssemos tocado numa reunião informal em nossa casa".

"Sonho de Carnaval", de Chico Buarque, é relida em samba jazz, meio bossa, clima de piano bar, com um show de Copinha ao final. "Comprimido", por sua vez, é um exercício buarquiano com dissonâncias e texto cortante na crônica de violência conjugal, que cita (e dialoga com) "Cotidiano", do próprio Chico. "Roendo as Unhas", moto-contínuo construído a partir de três acordes, com célula harmônica sem tônica e dominante, é um samba quase cubano, genialmente subversivo e com texto à altura: "Meu samba não se importa/ se desapareço".

"Cidade Submersa" é obra-prima em harmonia e arranjo desde a luxuosa introdução, não por acaso uma das favoritas do próprio cantor. Ancorada no piano elétrico, ela se revela também como homenagem a Valzinho, um dos heróis de Paulinho e considerado um dos precursores da bossa, admirado por Radamés Gnattali e Tom Jobim. "Não sei por que, me lembrei de Valzinho", ele declara antes do compasso final.

No encerramento, uma revolução com cara de contra-revolução: "Choro Negro", em que Paulinho assume o cavaquinho, bordando a linda melodia acompanhado apenas do piano de Cristóvão. Descortinava-se ali uma bifurcação explicitamente chorona para os caminhos do (bom) filho de Cesar Faria, violonista do Conjunto Época de Ouro.

REPRODUÇÃO

Krig-ha, Bandolo!

Raul Seixas Philips

"Metamorfose ambulante", "al capone", "ouro de Tolo", "Mosca na Sopa": até um moleque da geração TikTok conseguiria parar para prestar atenção em um álbum com esses sucessos populares, capazes de dimensionar toda a grandeza de Raulzito. Ele, o homem que mostrou ao Brasil que o rock pode ter sotaque regional e ir além das releituras de iê-iê-iês gringos e do tatibitati das dores de amores adolescentes – que ele também sabia fazer, como em "Doce Doce Amor", eternizada na voz de Jerry Adriani.

Com título inspirado no grito de guerra do Tarzan dos gibis, *Krig-ha, Bandolo!* é o primeiro álbum solo de Raul Seixas, e o quarto de uma carreira que ganhou evidência nacional com "Let me Sing, Let me Sing", defendida no Festival Internacional da Canção de 1972. Estão nele os primeiros versos da parceria com Paulo Coelho, nas melancólicas "A Hora do Trem Passar" e "Cachorro Urubu", no rock simples com grandes sacadas "Al Capone", no funkeado "Rockixe" e no delicioso country-rock "As Minas do Rei Salomão", uma das especialidades da casa.

Produzido com Marco Mazzola, *Krig-ha, Bandolo!* colocou o artista que nasceu em 1945 e morreu em 1989 nas graças de brasileiros de todos os cantos e credos, condições sociais e orientações sexuais. Direto ao ponto (da maneira como era possível ir nos tempos duros de ditadura), Raul ofereceu uma obra libertária, contestadora, melódica, anti-sistema, poética e de apelo popular, como ensinaram Luiz Gonzaga e Elvis Presley, só para ficar em duas influências óbvias.

Em "Mosca na Sopa", ele faz rock de terreiro com batucada e berimbau, sincretismo religioso e um zumbido insuportável, para lembrar que o gênero das guitarras nasceu para incomodar. "Metamorfose Ambulante" é a balada com letra emblemática de uma geração que se permitia questionar o mundo em vez de apenas experienciá-lo em fast forward. Já "Ouro de Tolo" provoca o milagre econômico e a hipocrisia da classe média com versos avassaladores, emoldurados por um arranjo pungente: "É você olhar no espelho/ Se sentir um grandessíssimo idiota/ Saber que é humano, ridículo, limitado/ Que só usa 10% de sua cabeça animal".

É por obras-primas como essa que a expressão "toca Raul!" está no imaginário popular e sempre vai acompanhar "o Pelé dos roqueiros brasileiros".

MARCELO FERLA

DESTAQUES: "Metamorfose Ambulante", "Al Capone", "Ouro de Tolo".

Milagre dos Peixes

Milton Nascimento EMI-Odeon

Tendo passado (relativamente) batido por embates com a ditadura militar na virada da década, Milton Nascimento não esperava ter problemas com a censura naquela altura da carreira. Mas sua ousadia diante do problema rendeu frutos interessantes, já que *Milagre dos Peixes* é o álbum mais enigmático de sua discografia – o que não é demérito algum.

A censura proibiu as letras de "Hoje é Dia de El Rey", "Os Escravos de Jó" e "Cadê", mas contrariando a orientação da gravadora, Milton insistiu nas músicas. Ao invés de usar as palavras que já estavam escritas (respectivamente pelos parceiros Márcio Borges, Fernando Brant e Ruy Guerra, creditados no encarte), ele se limitou a cantarolar e harmonizar as melodias. Os resultados beiram o divino e o assombroso, como na já citada "Hoje É Dia de El Rey", a qual se a letra não fosse censurada, seria um dueto com Dorival Caymmi.

Somadas às cinco faixas que Milton já havia decidido que seriam instrumentais, o resultado é um álbum quase sem palavras e de forte acento religioso, mesmo que não intencionalmente. É menos um disco de canções e mais um apanhado de sensações, já que *Milagre dos Peixes* evoca o transe, proporcionando uma viagem densa e às vezes de difícil absorção. O único momento de calmaria é "Pablo", que traz a voz de Nico, irmão mais novo de Lô e Márcio Borges, então com 13 anos. Vale mencionar que quando o álbum foi relançado em CD, décadas depois, várias de suas faixas foram invertidas e tiveram títulos trocados, não correspondendo à ordem escrita na contracapa. O problema se estendeu às versões nos serviços de streaming e persiste até hoje.

Após a experiência tensa com *Milagre dos Peixes*, Milton tinha uma proposta audaciosa para o trabalho seguinte: um disco ao vivo gravado no Theatro Municipal de São Paulo, acompanhado de uma orquestra regida pelo amigo maestro Paulo Moura. O apuro técnico da banda Som Imaginário, alinhada à orquestra e aos arranjos de Wagner Tiso, Paulo Moura e Radamés Gnatalli, criam a atmosfera perfeita para a potência exuberante da voz de Milton brilhar. Gravado em 7 e 8 de maio de 1974, *Milagre dos Peixes Ao Vivo* é um documento pungente da força da música de Milton, além de um registro impactante em que defeitos se tornam qualidades: feedbacks entre uma faixa e outra dão autenticidade e facilitam a imersão no momento, impecável mesmo quando absorvido cinco décadas depois. **PABLO MIYAZAWA**

DESTAQUES: "Tema dos Deuses", "Os Escravos de Jó", "Pablo", "A Última Sessão de Música".

REPRODUÇÃO

Índia

Gal Costa Philips

Quando Gal Costa gravou *Índia*, ela já tinha usado a voz aguda mais afinada do Brasil para fazer bossa nova, rock tropicalista e um show que virou álbum (*Fatal*, de 1971), antológico o suficiente para consagrá-la como uma das maiores de todos os tempos. No álbum de 1973, seu sexto de estúdio, ela se reinventou como uma musa da MPB, reciclando preciosidades do cancioneiro popular e replicando parcerias com os melhores de seu tempo.

O tamanho de Gal em 1973 (que morreu em 2022, aos 77 anos) pode ser balizado pela ficha técnica de *Índia*: Guilherme Araújo produziu, Gilberto Gil foi diretor musical, Rogério Duprat e Arthur Verocai foram os arranjadores e, entre os músicos, estavam Dominguinhos, Toninho Horta, Roberto Silva, Luiz Alves, Chico Batera, Wagner Tiso, Roberto Menescal e Chacal.

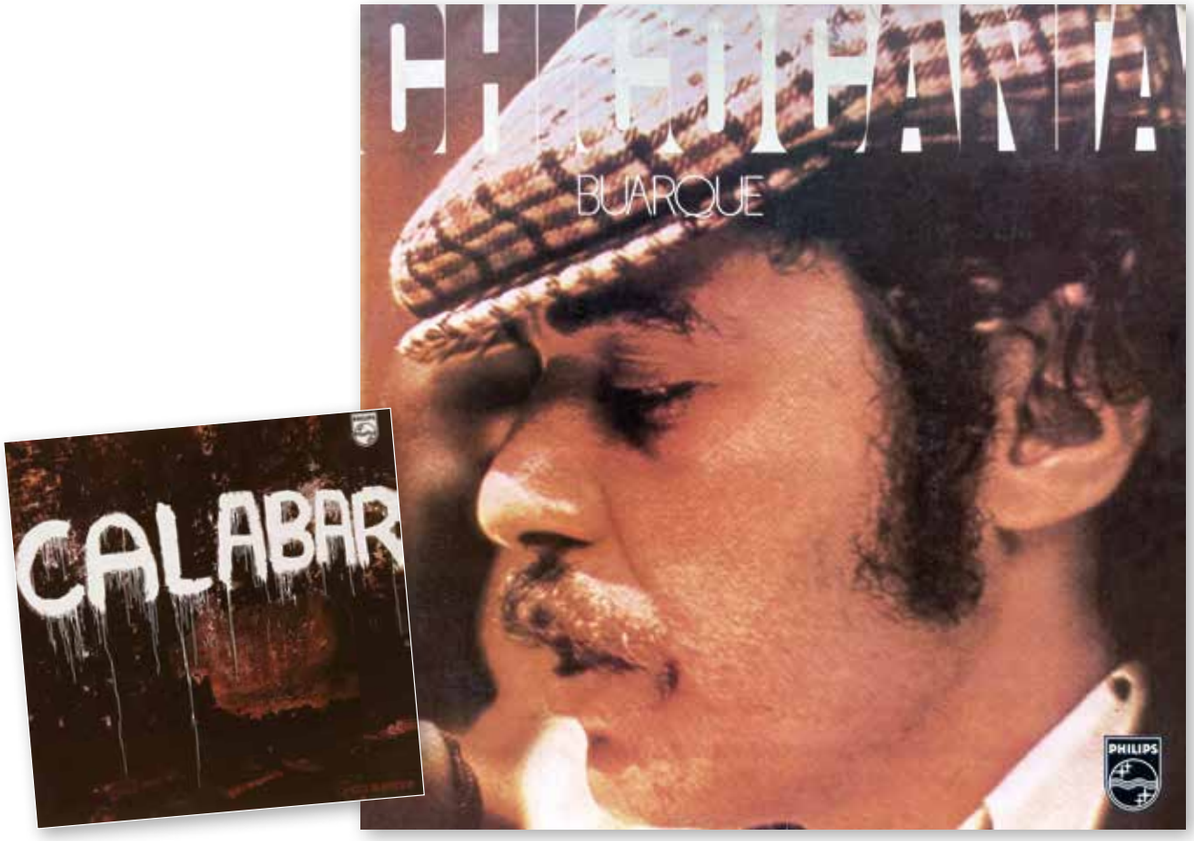
A abrangência do repertório, que olha para fora e para dentro do Brasil, não espera para acontecer: o lado A abre com a clássica guarânia paraguaia "Índia", com arranjo grandiloquente de Duprat, e segue com um tema folclórico português africanizado por Gil, "Milho Verde". Em seguida, a mais pura poesia contemporânea do morro carioca se revela em "Presente Cotidiano", de Luiz Melodia – "Quem quer morrer de amor se engana/ Momentos são, momentos drama" –, e toma o rumo do sul para encontrar o berço negro gaúcho do samba em Lupicinio Rodrigues, em uma versão arrebatadora para "Volta".

Concentrado nos comparsas de geração, o lado B navega por Caetano Veloso e Pedro Novis em "Relance", pontuada pela sanfona de Dominguinhos, e na densa "Da Maior Importância", além de incluir composições de Tuzé de Abreu ("Passarinho"), Jards Macalé e Waly Salomão ("Pontos de Luz"), até desembarcar na bossa de Tom Jobim e Newton Mendonça, "Desafinado".

E tem a censura, marca registrada daquele período sinistro: "Presente Cotidiano" foi proibida de tocar em rádio, e o vinil foi lacrado com um plástico azul por causa das imagens que agrediam a moral e os bons costumes. As fotos de Antonio Guerreiro mostram, na capa, a cantora só de tanga vermelha e saia indígena, e na contracapa, seus seios cobertos com colares. A censura não aguentou a liberdade, ousadia e sensualidade de Gal Gosta, o que fez a obra ganhar ainda mais atenção, mas não precisaria – a beleza sonora de *Índia* basta.

MARCELO FERLA

DESTAQUES: "Presente Cotidiano", "Volta", "Relance".



Chico Canta

Chico Buarque Philips

Desde o sucesso de "Apesar de você" – que a censura da ditadura militar levou quase um ano para perceber que o "você" era o próprio regime autoritário –, que as canções de Chico Buarque eram escrutinadas pela censura. Havia uma busca incessante por outros sentidos que o cantor e compositor carioca colocava nas entrelinhas, passando mensagens subliminares e esperanças aos que se opunham àquele nefasto governo.

Mas nenhum trabalho foi tão incisivo – e, por isso mesmo, mais vitimado – que a trilha sonora para a peça *Calabar – O Elogio da Traição*, que pegava um trecho obscuro da história colonial para fazer alusões ao regime militar. O Calabar do título era um senhor de engenho pernambucano que traiu os colonizadores portugueses para aderir ao movimento dos invasores holandeses. Chico nos perguntava se trair quem reprime pode ser considerado traição.

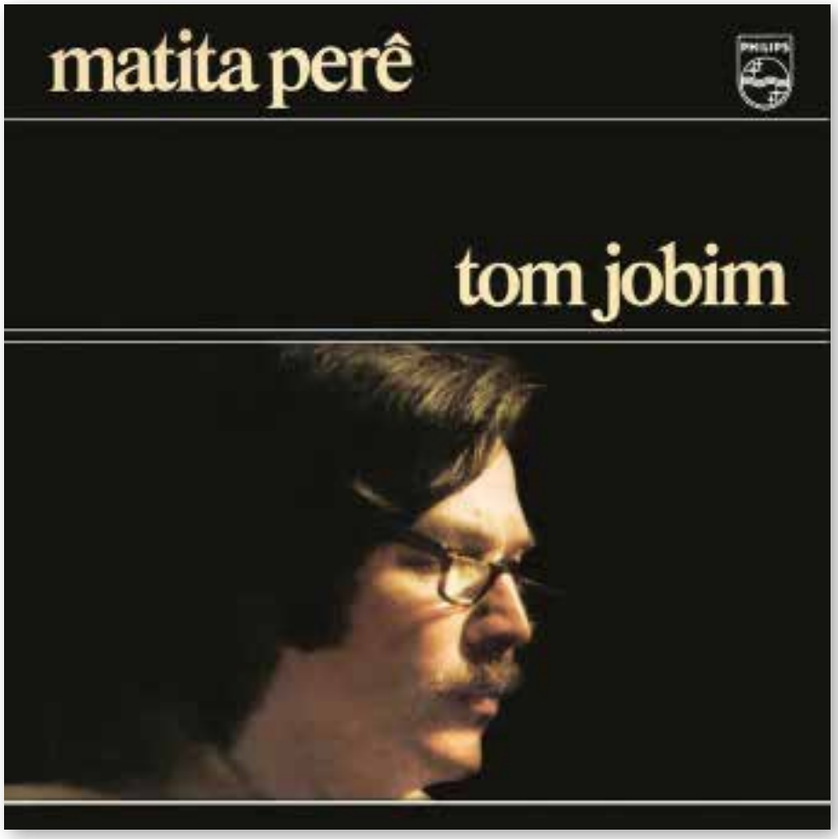
O texto da peça foi liberado, mas a peça em si, não. Sua trilha teve de ser reeditada duas vezes, pois os censores consideravam os cortes insuficientes. O título se tornou apenas *Chico Canta*, mas a capa trazia um muro com a pixação com o nome da peça – que além de aludir à censura (afinal, lia-se na capa que "Chico Canta Calabar"), também ironizava o famigerado Comando de Caça aos Comunistas ao manter o título com três Cs. Reeditado com a capa em branco, o novo produto parecia explicitar a censura, e voltou às lojas como *Chico Canta*, desta vez com uma foto do cantor.

As músicas foram desfiguradas. Os militares arrancaram versos de "Bárbara", "Não Existe Pecado ao Sul do Equador" e "Fado Tropical", além de tirarem a letra de duas delas, que se tornaram instrumentais: os versos de "Ana de Amsterdam" e "Vence Na Vida Quem Diz Sim" ("Se te dói o corpo, diz que sim, torcem mais um pouco, diz que sim, se te dão um soco, diz que sim, se te deixam louco, diz que sim, se te babam no cangote, mordem o decote, se te alisam com chicote, olha bem pra mim") falam por si só.

Mesmo com a censura, o disco sobreviveu ao tempo, bem como suas provocações. O nome Calabar parece aludir a Carlos Lamarca, militar que traiu o exército para juntar-se aos guerrilheiros nos anos 1970. E as mensagens subliminares permanecem, no título de "Cala a Boca, Bárbara", e em espírito, nas letras de "Fortaleza" e "Cobra de Vidro", além da eterna "Tatuagem". **ALEXANDRE MATIAS**

REPRODUÇÃO

DESTAQUES: "Tatuagem", "Vence Na Vida Quem Diz Sim", "Fado Tropical".



Matita Perê

Tom Jobim Philips

Em 1972, tom jobim vivia uma crise de meia idade: aos 45 anos, o casamento já havia visto melhores dias e a ditadura pegava no seu pé. Entre noitadas regadas a uísque pilotando um Dodge Dart e períodos de refúgio no sítio em Poço Fundo, ele decidiu encarar seu trabalho mais ambicioso. Em *Matita Perê*, Tom abraça dois gigantes: Villa-Lobos e Guimarães Rosa. É uma obra sobre o Brasil profundo, mas com acenos a Ravel e Debussy e orquestrações modernas, cortesia do maestro Claus Ogerman, a quem elogiou, em carta ao filho Paulo: "É o rei do swing, é um Donato alemão".

Também chamado de saci, matita perê é uma espécie de cuco que virou lenda popular como animal de mau agouro. Lotado de referências literárias e dedicado a três escritores mineiros — além de Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Mário Palmério —, *Matita Perê* fala de Brasil a partir da natureza e da relação do homem com a natureza.

Gravado nos Estados Unidos, com os ritmos de Airto Moreira e João Palma brilhando em meio a um time com Ron Carter (baixo) e Urbie Green (trombone), o álbum é sempre lembrado pela expansão criativa da faixa-título e por duas suítes grandiosas, "Tempo do Mar" e "Crônica da Casa Assassinada". Mas há um punhado de canções primorosas, como "Ana Luisa", "Rancho das Nuvens" e "Nuvens Douradas". E tem como tesouro popular "Águas de Março", um nem samba nem bossa que exala falsa simplicidade em suas ricas inversões tipicamente jobinianas. A composição veio de chofre para Tom, em uma de suas noites ao violão no mato. Ele pensou em burilar a canção, mas rendeu-se à força do que havia criado. E parece ter sido tomado por outros poderes ao gravar, com a voz dobrada, uma de suas mais elogiadas performances como cantor.

O lançamento foi no Clube Caiçaras, na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde Tom costumava nadar quando menino. Evento discreto, mas com a honra gigante da presença de Carlos Drummond de Andrade. "Tom Jobim, deputado eleito pelos sabiás, canários e curiós para falar, não aos povos da zona sul, mas a toda criatura capaz de ouvir e de entender pássaros, trazendo-nos uma interpretação melódica da vida", escreveu o poeta, na ocasião. Assim estava devidamente dimensionado Tom, com palavras que, por justiça, deveriam blindá-lo para sempre das críticas bobalhonas a um suposto elitismo de sua obra.

PEDRO SÓ

DESTAQUES: "Águas de Março", "Matita Perê", "Rancho das Nuvens", "Ana Luiza".

Quem é Quem

João Donato Odeon

A voz pequena e macia de João Donato, tão característica de sua musicalidade quanto a forma como ele repousa os dedos nas teclas do piano, só foi ouvida em disco depois que ele já tinha vinte anos de atividade profissional. Uma dessas décadas foi morando nos Estados Unidos, em que vendeu o conceito novo de "música brasileira" nascido a partir da bossa nova, ao lado de novos gênios como João Gilberto, Tom Jobim e Sérgio Mendes, entre outros. Mas foi preciso uma separação e a volta ao Brasil para que finalmente pudéssemos ouvir seu timbre tão específico.

O pedido de divórcio tirou Patrícia e a filha Jodel da rotina de Donato e o fez voltar ao Rio de Janeiro, no Natal de 1972. Foi quando encontrou o velho amigo Agostinho dos Santos, que lhe sugeriu que cantasse em um próximo álbum. Este ficou a cargo de outro amigo, o pupilo Marcos Valle, que ajudou o mestre a arregimentar letristas para suas canções, algo que nunca havia feito. Além do próprio Valle, entraram nessa brincadeira nomes como Paulo César Pinheiro, Geraldo Carneiro e o irmão de João, Lysias Ênio. O disco também registrou o entrosamento de Donato com o piano elétrico Fender Rhodes, que se tornaria um fiel companheiro.

Quem é Quem não apenas nos apresentou à voz de João Donato, como inaugurou um novo capítulo em sua carreira, que atravessaria o resto de sua biografia. Além de patentear o canto como uma de suas marcas, ainda trazia pérolas que o artista incorporaria ao seu repertório permanente, como "Chorou Chorou", "Cadê Jodel", "Ahiê", "Até Quem Sabe", "A Rã" e "Cala Boca Menino", de Dorival Caymmi. Nana, a filha do mestre baiano, é a única outra voz ouvida no disco, cantando "Mentiras". Já a banda que foi montada para este clássico é a nata da música brasileira do período: Hélio Delmiro na guitarra, Novelli no baixo e piano, Lula Nascimento na bateria, Maurício Einhorn na harmônica e Naná Vasconcelos na percussão.

Com pouco sucesso comercial na época, *Quem é Quem* ficou conhecido pela bravata que Donato realizou quando descobriu que a gravadora não teria dinheiro para lançá-lo. Chamou uma equipe de um telejornal local para acompanhar o lançamento do disco no outeiro da Igreja da Glória (RJ). O lançamento foi literal, e a câmera filmou o músico jogando uma caixa de discos morro abaixo.

ALEXANDRE MATIAS

REPRODUÇÃO

DESTAQUES: "Chorou Chorou", "Até Quem Sabe", "A Rã".

Nelson Cavaquinho

Nelson Cavaquinho Odeon

Figura mítica do samba e da boemia carioca, Nelson Cavaquinho (1911-1986) arrastou por décadas a fama de gênio da cultura popular, trovador de lirismo sombrio e lapidar admirado por Tom, Vinicius e Chico. Sem ambicionar carreira na indústria da música, ele compunha para o momento, para a noite — ocasionalmente vendendo um ou outro samba para pagar as contas penduradas.

Filho de pai negro e uma índia paraguaia, ele se iniciou na música tocando cavaquinho em rodas de choro da Gávea (o apelido que viraria sobrenome artístico vem daí). O estilo de vida e as bebedeiras fizeram com que parte da produção de Nelson fosse esquecida na rotina de bares e lupanares da Praça Tiradentes, no centro do Rio. Mesmo já tendo sido gravado por Ciro Monteiro e Roberto Silva, foi só depois de firmar parceria com o farmacêutico Guilherme de Brito que sua obra deixou de ser volátil e indefesa diante das intempéries da madrugada.

Os dois primeiros LPs foram *Depoimento de um Poeta* (1970), com diálogos entremeando as músicas, e *Série Documento* (1972), com repertório bem semelhante. O produtor paulista J. C. Botezeli, o Pelão, dizia que o Nelson real "não estava ali" naqueles discos, e convenceu Milton Manhães, diretor da Odeon, a "colocar o verdadeiro Nelson, o Nelson dos bares" em um produto à altura de sua música. O LP de 1973 chega para mostrar, nos argumentos de Pelão, "o Nelson dos bares, o Nelson que eu sinto; ele, o violão dele, com o suor dele".

Em *Nelson Cavaquinho*, ouve-se bem o violão singularíssimo, com as cordas rudemente tocadas só com o polegar e o indicador, e a voz rouca, curtida em destilados e mata-ratos, em performances escolhidas a dedo. Abrindo com a perturbadoramente bela "Juízo Final", o disco permite a Nelson apresentar seus clássicos que já tinham sido gravados por grandes cantoras ("Folhas Secas", "Vou Partir", "Minha Festa", "Rugas"), alcançando a versão definitiva em todos eles. O parceiro Guilherme de Brito comparece em um pot-pourri de obras-primas, com "A Flor e o Espinho", "Pranto de Poeta" e "Quando Eu Me Chamar Saudade". Por insistência de Pelão, Nelson retoma ao cavaquinho, no choro instrumental "Caminhando", bordado a quatro mãos com o violão do mestre Dino 7 Cordas. A crítica de J. R. Tinhorão, no *Jornal do Brasil* resumiu bem: "Mais que um documento de genialidade, uma prova de amor". **PEDRO SÓ**

DESTAQUES: "Juízo Final", "Folhas Secas", "Minha Festa", "Rugas".

Clara Nunes

Clara Nunes Odeon

Antes do encontro com o genial radialista e produtor Adelzon Alves, Clara Nunes era uma grande voz, perdida em escolhas redundantes ou duvidosas. Sua sorte começou a mudar a partir do compacto "Misticismo da África ao Brasil", em 1971. No ano seguinte, no LP *Clara Nunes*, o quarto da carreira dela, veio o estouro do samba de quadra "Ê Baiana". "O sabiá num brinca em serviço", avisou Adelzon, no texto do encarte, anunciando a chegada de uma cantora que abraçava "a tal da cultura popular brasileira".

Em 1972, veio *Clara Clarice Clara*, com o clássico portelense "Ilu Ayiê". No fim do ano, Adelzon surgiu com um novo achado, "Tristeza, Pé No Chão", samba irresistível de Armando Mamão, novo estouro em compacto. O sexto LP, *Clara Nunes*, de 1973, saiu puxado por esse hit e já com outra pepita em partido alto: "Fala Viola". Adelzon foi até o lixão de Caxias, na Baixada Fluminense, para encontrar o autor da canção, o gari Eloir Silva.

Relutante diante do rótulo de sambista, Clara abraça mais do que a MPB no repertório do disco, mas um Brasil plural. Fica à vontade no lirismo nordestino de "Meu Cariri" (Dilú Mello e Rosil Cavalcanti), traça com garbo "Amei Tanto", de Vinicius de Moraes e Baden Powell, emociona na versão voz e piano de "É Doce Morrer no Mar", de Dorival Caymmi, e acerta na eternidade ao cantar "Minha Festa", de Nelson Cavaquinho. E também expõe sua melhor síntese no partido calangueado de Xangô da Mangueira, "Quando Vim De Minas", com todo o charme do verso "trusse ouro em pó, ora veja você". PEDRO SÓ

DESTAQUES: "Tristeza Pé no Chão", "Minha Festa", "Quando Vim de Minas".

REPRODUÇÃO

Araçá Azul

Caetano Veloso Philips

O Caetano Veloso do caótico *Araçá Azul* queria recuperar o tempo perdido e evocar sua brasilidade. Depois de sofrer com o exílio mas de vencê-lo artisticamente, culminando com a obra-prima *Transa* (1972) e uma bem desenhada carreira internacional no horizonte – a qual abdicou –, ele retornou ao país porque estava com saudade.

Diferente do artista que tinha emulado João Gilberto, virado ídolo pop jovem e desenhado a Tropicália antes de partir, mas ainda contraditório, Caetano estava ávido por esquecer do mundo novo em que se deu bem, no fim das contas, para se embrenhar com radicalidade nas raízes de um Brasil que lhe tratou mal, mas era o lugar onde gostava de estar.

Para colocar tantas ideias em desordem e formatar um disco essencialmente experimental, ele se trancou por uma semana no Estúdio Eldorado, em São Paulo, acompanhado apenas pelo técnico de som Marcus Vinicius, e colou poesia concreta com sons cotidianos e minimalismo, drops psicodélicos e alguns excertos de canções. Só em seguida, os músicos Tutty Moreno, Moacyr Albuquerque, Tuzé, Perna Fróes e Luciano Oliveira acrescentaram seus instrumentos.

Araçá Azul teve 13 mil cópias devolvidas pelos fãs decepcionados, que ansiavam por um novo "Alegria, Alegria" ou algum hino contra a ditadura militar. Mas o desbundado Cae pós-exílio escolheu protestar contra a polícia dos costumes: na capa do LP, ele aparece de sunga vermelha contra um espelho, enquanto o encarte carrega a frase "um disco para entendidos", remetendo a uma gíria gay. MARCELO FERLA

DESTAQUES: "Tu me Acostumbraste", "Julia/Moreno", "Araçá Azul".

Elis

Elis Regina Phonogram

Em sua fase mais pop, com discos produzidos por Nelson Motta em 1970 e 71, Elis Regina começou a se tornar a grande voz da música brasileira. Um tempo depois, ela iniciou uma relação com o tecladista César Camargo Mariano, que cuidou dos arranjos do álbum dela, *Elis*, de 1972. Mas, como seguir em frente depois de um trabalho que reúne clássicos como "Águas de Março" , "Atrás da Porta", "20 Anos Blues", "Bala com Bala", "Casa no Campo" e "Nada Será Como Antes"?

Para esta segunda parceria entre os dois, batizada com o mesmo título do disco anterior, Elis escolheu oito faixas de seus compositores favoritos do momento, Gilberto Gil ("Oriente", "Doente, Morena", "Meio de Campo" e "Ladeira da Preguiça") e a dupla João Bosco e Aldir Blanc ("O Caçador de Esmeralda", "Agnus Sei", "Cabaré" e "Comadre"), e completou o repertório com "É Com Esse Que Eu Vou", de Pedro Caetano, e com outro novo clássico – o qual gerou uma tensão entre ela e Beth Carvalho.

"Folhas Secas", de Nelson Cavaquinho, havia sido pinçada pela sambista carioca para seu *Canto Por Um Novo Dia*, que também seria produzido por Mariano. O tecladista mostrou a canção descoberta por Beth para o diretor da gravadora, Roberto Menescal, que insistiu que fosse gravada por Elis. Quando soube que a gaúcha cantaria o samba que ela havia escolhido, Beth exigiu que sua gravadora lançasse a faixa antes, como um compacto, para chegar ao público antes da versão de Elis. A rusga abalou a relação das duas cantoras até o resto da vida da Pimentinha, que morreu em 1982. ALEXANDRE MATIAS

DESTAQUES: "Oriente", "Agnus Sei", "Folhas Secas".

Tim Maia

Tim Maia Polydor

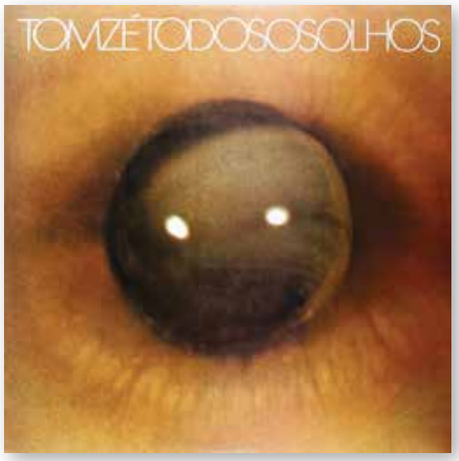
Depois do tropeço comercial do terceiro LP, de 1972, Tim Maia tratou de preparar composições de apelo popular para o repertório do trabalho seguinte. Começou por "Réu Confesso", samba soul autobiográfico, bem na sua linha "cornológica": é um pedido de perdão para a musa Janete de Paula, bem pontuado pelos metais e as frases elegantes de Paulinho Guitarra.

O maior hit, porém, veio do baú de Edson Trindade, amigo de Tim e colega de Roberto Carlos nos tempos da banda The Sputniks. Quando Tim foi para os Estados Unidos, o conjunto virou The Snakes, e Erasmo Carlos se juntou. "Gostava Tanto de Você" é dessa época e foi escrita por Trindade para sua então namorada, Mari. Ele participa do disco nos vocais de apoio, creditado como Edinho.

Os backings de *Tim Maia*, aliás, contavam também com Cassiano, Gracinha Leporace e reforços especiais: o casal de norte-americanos Paul e Sheila Smith, que havia trabalhado com Moacir Santos nos Estados Unidos e passava uma temporada no Rio, a convite de Chico Batera. Inclusive, o disco traz três músicas em inglês: o delicioso samba funk "Over Again", o funk "Do Your Thing, Behave Yourself", e "New Love", soul bossa composta por Tim nos tempos em que viveu fora.

Tim Maia vendeu bem e tinha hits em potencial para ir até mais longe, como o hino "Balanço", resumo da personalidade de Tim: "Deixo de viver o compromisso/ Longe de qualquer opinião/ Farto de conselho e de chouriço/ Maltratando o velho coração/ Ovo de galinha magra/ Gora/ Todo mundo que eu conheço/ Chora". PEDRO SÓ

DESTAQUES: "Réu Confesso", "Gostava Tanto de Você", "Balanço".



Todos os Olhos

Tom Zé Continental

O QUARTO LP DE TOM ZÉ É MAIS CONHECIDO PELA foto da capa do que por suas músicas, e a história por trás dela é uma boa maneira de tentar explicá-lo. A arte proposta por Décio Pignatari e executada por Reinaldo de Moraes previa a imagem de uma bolinha de gude por cima de um ânus feminino, que de fato foi produzida. Mas o disco acabou lançado com uma foto da segunda sessão fotográfica, com a bolinha posicionada sobre os lábios contraídos de uma garota. *Todos os Olhos* é assim: parece, mas não é, mas bem que poderia ser.

Em busca de uma radicalidade pop, Tom Zé criou uma equação em que somava conceitos vanguardistas europeus aos ritmos do Brasil popular. Para chegar onde queria, chamou o Grupo Capote, de Odair Cabeça de Poeta, que mixava rock com maxixe e forró, além de dois percussionistas experimentais e de um arranjador que tocava com Hermeto Pascoal, Heraldo do Monte.

O resultado é difuso, porque o mesmo artista que havia experimentado o sucesso popular com "Jeitinho Dela" e "Se o Caso é Chorar" se distanciou do grande público ao conceder experimentalismo à sua receita, mas, ao mesmo tempo, se aproximou de sua própria verdade tropical e praticamente criou um gênero musical.

Nada em *Todos os Olhos* é apenas o que parece: o samba é torto, a cantiga é ousada, o bom humor é corrosivo. Tom Zé não cabe em nenhuma gaveta, e isso é bom. Mas se não fossem os gringos abrirem os olhos para sua genialidade, ele teria ficado guardado em uma gaveta esquecida da música popular brasileira. MARCELO FERLA

DESTAQUES: "Augusta, Angélica e Consolação", "Dodó e Zezé".

REPRODUÇÃO

Previsão do Tempo

Marcos Valle Odeon

A ASCENSÃO DO JAZZ ELÉTRICO NO FINAL DOS ANOS 1960 colidiu com a popularização dos teclados elétricos e sintetizadores (que estavam sendo inventados naquele período) e com a internacionalização da música brasileira pós-bossa nova. Foi o momento em que o jazz e o funk começaram a se misturar com sabores latinos, o papel do percussionista ganhou importância e o baixo acústico e o violão foram sendo trocados pelo baixo elétrico e a guitarra.

Um certo purismo de gerações anteriores do gênero vinha sendo desafiado, e uma safra de brasileiros foi responsável diretamente por isso. Boa parte dela era da primeira geração da bossa nova – Tom Jobim, João Donato, Eumir Deodato, Moacir Santos – e já residia na Califórnia quando a mudança começou a ocorrer. Mas quem mais se apropriou da nova sonoridade foi um jovem da segunda leva do gênero, que ficou no Brasil e aos poucos tornou-se um mestre do riscado.

Os discos que Marcos Valle lançou nesse período são clássicos absolutos, mas em *Previsão do Tempo* (que traz na capa o artista se afogando em uma piscina, aludindo a um método específico de tortura da ditadura), ele domina a forma como teclados elétricos – em particular o encontro de seu Fender Rhodes com o Minimoog e o ARP de José Roberto Bertrami – se misturam em um som tão futurista quanto moderno. Ao seu redor, estavam duas das maiores bandas da época: Azymuth e O Terço. Ao centro, contando com as letras do irmão Paulo Sérgio, Marcos Valle regia tudo, como uma mistura de Stevie Wonder com Steely Dan à brasileira. ALEXANDRE MATIAS

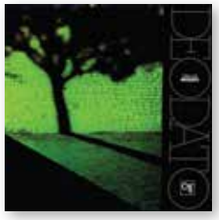
DESTAQUES: "Flamengo até Morrer", "Mentira", "Não Tem Nada Não".

Marinheiro Só

Clementina de Jesus Odeon

CINCO MESES DEPOIS DE SOFRER UMA TROMBOSE QUE PARALISOU seu braço, Clementina de Jesus não vadiou. Entrou em estúdio e gravou seu terceiro álbum, sob a batuta de Hermínio Bello de Carvalho. Aos 73, a cantora provou ser uma artista de seu tempo, aberta às transformações (o disco é dedicado ao "filhinho baiano" Caetano Veloso). Com Naná Vasconcelos endiabrado e o maestro Nelsinho sem pudor de soltar o próprio trombone nos arranjos, nossa Rainha Quelé potencializa a fé no Brasil na mistura de "Cinco Cantos Religiosos". Também faz música de vanguarda ao adaptar "Taratá", canto ancestral de sua terra, o Vale do Paraíba do Sul (RJ), e dá brilho a duas pérolas do ainda jovem Paulinho da Viola: a clássica "Na Linha do Mar" e a deliciosamente rústica "Essa Nega Pede Mais". PEDRO SÓ

DESTAQUES: "Taratá", "Moro na Roça", "Essa Nega Pede Mais".



Prelude

Eumir Deodato Odeon

NOS ANOS 1970, O NOME DO VIRTUOSO PIANISTA E PRODUTOR carioca Eumir Deodato era sinônimo de música brasileira para inglês ver. O olimpo pop foi alcançado com seu primeiro álbum solo lançado fora do país, *Prelude*, recheado de participações de craques, como os baixistas Ron Carter e Stanley Jordan, os guitarristas Jay Berliner e John Tropea, o baterista Billy Cobham e o percussionista Airto Moreira. A pérola é "Also Sprach Zarathustra", de Richard Strauss, tema erudito mais pop de todos os tempos (foi o tema de *2001 – Uma Odisséia no Espaço*). Nas mãos de Deodato, a épica melodia ganhou roupagem de vanguarda e caiu no gosto do povo: chegou ao segundo lugar da parada norte-americana, rendeu um Grammy e alavancou sua reputação de midas da modernidade musical. PABLO MIYAZAWA

DESTAQUES: "Also Sprach Zarathustra (2001)", "September 13", "Spirit of Summer".

Apresentamos Nosso Cassiano

Cassiano Odeon

CASSIANO SÓ NÃO É O MAIOR NOME DO SOUL BRASILEIRO PORQUE existe Tim Maia. Mas os primeiros sucessos de Tim ("Primavera" e "Eu Amo Você") eram canções do paraibano, que antes de sair em carreira solo, integrava os Diagonais, com o irmão Camarão e o amigo Hyldon (terceiro ícone da trindade black brasileira), onde lapidou os rumos da música pop influenciada pelo soul norte-americano. Embora a estreia *Imagem e Som* (1971) tenha hits (infelizmente, nenhum fez sucesso em em sua voz), foi no segundo álbum que ele mostrou seu arrojo. *Apresentamos Nosso Cassiano* flerta com baladas, jazz, funk, bossa nova e rock em canções orquestradas que equivalem às jornadas ousadas que Marvin Gaye, Stevie Wonder e Curtis Mayfield faziam lá fora. ALEXANDRE MATIAS

DESTAQUES: "O Vale", "Castiçal", "Calçada".

Novos Baianos F.C.

Novos Baianos Continental

CARREGAR O PESO DE *ACABOU CHORARE* (1972) NÃO ERA TAREFA fácil, mas os Novos Baianos continuaram tentando. *Novos Baianos F.C.*, o disco seguinte ao clássico ("maior álbum nacional de todos os tempos" na votação de 2007 da *Rolling Stone Brasil*) foi gestado em uma fazenda em Jacarepaguá, onde a banda se recolheu para fugir do cotidiano opressor da cidade grande e viver da maneira mais livre possível (alguns integrantes cogitaram transformar o projeto em um time de futebol de verdade, caso o processo de composição não desse certo). Mesmo sem hits óbvios – "O Samba da Minha Terra", de Dorival Caymmi, tem um gostinho especial –, o álbum é encharcado da rebeldia e do desbunde que fizeram do Novos Baianos um dos nomes mais originais da história da nossa música. PABLO MIYAZAWA

DESTAQUES: "Vagabundo Não é Fácil", "O Samba da Minha Terra", "Quando Você Chegar".

Manera Frufru, Manera

Fagner Philips

O DISCO TEM COMO SUBTÍTULO *O ÚLTIMO PAU DE ARARA* E COMEça com o baião dolente de mesmo nome, lançado originalmente em 1956 pela dupla recifense Venâncio e Curumbá. Ponta de lança de uma nova geração nordestina, Fagner era recebido por um timaço da MPB em seu primeiro LP: arranjos de Ivan Lins e Luiz Claudio Ramos, Naná Vasconcelos na percussão, parcerias com Capinan e Ronaldo Bastos e, luxo supremo, a voz de Nara Leão em duas faixas, "Pé de Sonhos" e a adaptação do folclore "Penas do Tiê". A contracultura cearense expunha o que tinha de melhor nas parcerias com Belchior, "Moto 1" e "Mucuripe", mas Fagner também se mostrava bastante original nas pontes com a tradição. Faltou apenas o crédito à poetisa Cecília Meireles na linda "Canteiros". PEDRO SÓ

DESTAQUES: "Moto 1", "Mucuripe", "Canteiros".

Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua

Sérgio Sampaio Philips

"EU QUERO É BOTAR MEU BLOCO NA RUA", MARCHA-RANCHO QUE todo mundo conhece, carrega triste ironia: é uma música conhecida demais em um álbum reconhecido de menos. A estreia de Sérgio Sampaio traz uma coleção de sons e poesias espetaculares, que vão do rock ao samba ao experimentalismo. Produzido por Raul Seixas, reverenciado em "Raulzito Seixas", o LP vendeu só cinco mil cópias. Isso, apesar de faixas como "Filme de Terror", que caberia com louvor na discografia do roqueiro baiano, do quase-hit "Cala a Boca Zebedeu" e da psicodélica "Viajei de Trem", pérola pouco celebrada, assim como a obra do maldito Sampaio, que morreu em 1994, aos 47 anos. "Não durma de touca" e vá além da faixa-título. MARCELO FERLA

DESTAQUES: "Lero e Leros e Boleros", "Filme de Terror", "Viajei de Trem".

Guilherme Lamounier

Guilherme Lamounier Continental

DESCOBERTO POR CARLOS IMPERIAL E PARCEIRO DE UM DOS principais compositores de Wilson Simonal (Tibério Gaspar, autor de hits como "Sá Marina", "Juliana", "BR-3" e "Teletema"), Guilherme Lamounier gravou seu primeiro disco em 1970, com forte influência da música negra norte-americana. Mas ele mudou de rumo quando começou a fazer o segundo álbum, que se tornaria um marco psicodélico brasileiro. Apesar da capa, das letras viajantes e da explícita última faixa ("Cabeça Feita",em que canta "a cabeça feita não marca bobeira", provocação ignorada pela censura), não dá para encará-lo com um produto psicodélico, mas uma espécie de irmão carioca de *Loki?*, o primeiro solo do mutante Arnaldo Baptista, com baladas apaixonadas ao piano e canções pop com tratamento luxuoso. ALEXANDRE MATIAS

DESTAQUES: "Patrícia", "GB em Alto Relevo", "Passam Anos, Passam Anas".

Matança do Porco

Som Imaginário Odeon

O SOM IMAGINÁRIO FOI FORMADO PARA ACOMPANHAR MILTON Nascimento, mas ganhou vida própria por seus próprios méritos, na forma de três discos notáveis. Mas nenhum sintetiza tamanha grandeza musical como o derradeiro *Matança do Porco*, lançado um ano antes de a banda ter eternizado sua assinatura em *Milagre dos Peixes Ao Vivo*, de Milton. O cantor, aliás, faz lindos vocalises na épica faixa-título de onze minutos, que serve como amostra da impressionante complexidade do álbum. Sob o comando de Wagner Tiso, Luiz Alves (baixo), Fredera (guitarra) e Robertinho Silva (bateria) deitam e rolam em composições progressivas que esbarram em fronteiras roqueiras enquanto acenam para sonoridades brasileiras. E vale sempre lembrar que, sem Som Imaginário, não haveria Clube da Esquina. PABLO MIYAZAWA

DESTAQUES: "Mar Azul", "Arminas", "A Matança do Porco".

REPRODUÇÃO

Meu Corpo, Minha Embalagem, Todo Gasto na Viagem

Pessoal do Ceará Continental

DEPOIS QUE BAHIA E MINAS GERAIS ESTABELECERAM DISCOS-manifestos como portas de entrada no mercado fonográfico, era a vez do Pessoal do Ceará mostrar a cara. Enquanto Fagner, Belchior e Amelinha preparavam seus primeiros álbuns, Ednardo e o casal Rodger Rogério e Téti foram reunidos em um disco pelo produtor e radialista Walter Silva, o Picapau, sob o nome que todo o grupo era conhecido quando bandeava para o sudeste. Com arranjos de Hareton Salvanini, as canções são hinos da chegada da nova safra de cantores e compositores cearenses na música brasileira: "Beira-Mar", "Ingazeiras", "Cavalo-Ferro", "Terral" e "Falando da Vida" são joias que traduzem as grandes intenções daquela geração.

DESTAQUES: "Cavalo-Ferro", "Terral".

Elton Medeiros

Elton Medeiros Odeon

PERSONAGEM CENTRAL NA EVOLUÇÃO DO SAMBA CARIOCA, Elton Medeiros fez parte dos conjuntos A Voz do Morro (com Paulinho da Viola e Zé Keti, entre outros) e Rosa de Ouro, e foi parceiro de Cartola, Hermínio Bello de Carvalho, Kleber Santos e outros nomes ligados às escolas de samba. Sua carreira fonográfica teve início em 1966, com um disco dividido com o novato Paulinho da Viola, mas só foi lançar seu primeiro solo aos 33 anos, com o álbum homônimo em que eternizou, com sua voz, clássicos que já eram sucessos com outros sambistas. Produzido por Paulinho, com capa de Elifas Andreato, traz músicas que estão no DNA do samba do Rio: "Pressentimento", "Fotos e Fatos", "O Sol Nascerá", "Sei Chorar" e a eterna "Mascarada", em que reforça o apreço pela melodia, descendente do choro, uma de suas principais escolas.

DESTAQUES: "O Sol Nascerá", "Mascarada".

Edu Lobo

Edu Lobo Odeon

EDU LOBO NÃO ERA MAIS O JOVEM TALENTO QUE DESPONTARA anos antes em um concurso de canções na TV, nem o principal bastião da bossa nova, então já fragmentada em subgêneros jazzísticos à medida em que era absorvida pelo mercado internacional. Seis anos depois de entrar no imaginário brasileiro com sua imortal "Ponteio", ele já havia tentado sua oportunidade nos Estados Unidos, mas voltou-se para o Brasil com seu trabalho mais ousado e político até então. Batizado com seu nome, o disco é conhecido pela ambiciosa "Missa Breve", composição em cinco partes que é cantada quase toda em latim. Disco irmão do *Matita Perê* lançado por Tom Jobim no mesmo ano, foi produzido por Dori Caymmi e reunia um elenco do melhor quilate: Paulo Moura, Danilo Caymmi, Novelli, Rubinho, Capinan, Dom Salvador, Ruy Guerra e parte do Quarteto em Cy.

DESTAQUES: "Missa Breve", "Vento Bravo".

Donato Deodato

João Donato e Eumir Deodato Muse

O ENCONTRO ENTRE ESSES BASTIÕES DA MÚSICA BRASILEIRA havia acontecido bem antes do álbum em parceria – na verdade, três anos antes, quando Eumir Deodato, depois de ouvir as primeiras versões do que seria o primeiro disco elétrico de João Donato, prontificou-se a arranjá-las, tornando-se crucial no clássico *A Bad Donato*. Os dois tecladistas fizeram parte da cena que viu a bossa nova nascer (ao lado de João Gilberto, Tom Jobim e Astrud Gilberto, entre outros) e, dez anos depois, fizeram parte da turma que transformou nossa música em padrão internacional. O disco que lançaram em conjunto – acompanhados por um time de bambas como Maurício Einhorn, Randy Brecker, Allan Schwartzberg, Ray Barreto e Airto Moreira – é uma amostra da amplitude de nossa arte no cenário pop dos anos 1970, quando a mistura do jazz com o funk ditava os novos parâmetros.

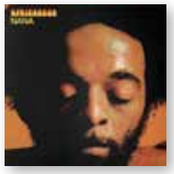
DESTAQUES: "Capricorn", "Batuque".

TEXTOS: ALEXANDRE MATIAS

João Bosco

João Bosco RCA

O MINEIRO JOÃO BOSCO ERA CONSIDERADO a bola da vez de 1973. Descoberto por Vinícius de Moraes, seu primeiro parceiro musical, ele estreou em disco naquele ano, quando lançou a faixa "Agnus Sei" pelo *Disco de Bolso*, projeto do jornal *Pasquim* que lançava novas canções brasileiras no formato compacto. A ideia durou apenas três edições, mas a primeira delas, que trazia Bosco no lado B, era a estreia de "Águas de Março", de Tom Jobim. E a música do novato impressionou tanto o veterano, que Tom aprumou-se para escrever o texto da contracapa do álbum de estreia do músico, cantor e compositor, batizado apenas com seu nome. *João Bosco* é também o disco que consolida a eterna parceria com o saudoso letrista Aldir Blanc, que assina dez das onze músicas, entre elas "Quilombo" e "Bala com Bala".



Africadeus

Naná Vasconcelos Philips

O PAPEL DA MÚSICA BRASILEIRA NA transformação da relevância da percussão na música mundial ainda vai ser estudado, mas, sem dúvidas, seu maior expoente é o pernambucano Naná Vasconcelos – que gravou com Milton Nascimento, Geraldo Azevedo, Luiz Eça e fez parte do Quarteto Livre antes de conhecer o argentino Gato Barbieri, que levou-o para a Europa, onde começou sua carreira internacional. É neste momento que Naná lança seu primeiro disco solo, que apenas com a faixa-título (um épico de 19 minutos tocado ao berimbau, expandindo os limites psicodélicos do instrumento) hipnotiza qualquer ouvinte de qualquer época. Já no lado B, ele exalta o papel da percussão entre os boiadeiros e desfila cirandas e sambas, em uma seleção folclórica que amplia o mapa da nossa música para dentro do sertão.

Roberto Carlos

Roberto Carlos CBS

NO INÍCIO DOS ANOS 1970, ROBERTO CARlos estava no topo do mercado fonográfico brasileiro e podia fazer o disco que quisesse com quem quisesse – e ele passou este período lapidando uma fórmula que lhe deu seus melhores trabalhos: canções passionais e confessionais, muitas vezes em primeira pessoa, trazendo os dramas de um jovem adulto, com arranjos suntuosos (corais, orquestras) assinados por Chiquinho de Moraes. Mas, por ter sido gravado em Los Angeles, seu álbum homônimo de 1973 também trazia arranjos dos norte-americanos Jimmie Haskell e Jimmy Wisner. Entre suas dez faixas (ao invés das tradicionais doze dos discos anteriores), estão clássicos menores, como "A Cigana", "Proposta" e "O Moço Velho", além da bela versão para "El Dia que me Quieras", na primeira vez em que o rei canta em espanhol.

Fotografias

Taiguara Odeon

UM DOS AUTORES MAIS ÍMPARES DA MÚSIca brasileira, este cantor nascido em Montevidéu, no Uruguai, teve uma trajetória consistente e particular desde seu surgimento, no meio dos anos 1960, até se autoexilar na Europa devido à perseguição da ditadura militar. Artista com mais músicas censuradas pelo regime (foram quase setenta entre 1972 e 73), Taiguara não imaginava que seu álbum *Fotografias* seria o último que lançaria antes de praticamente desaparecer do mercado – *Let The Children Hear The Music* (gravado na Inglaterra) e sua obra-prima, *Imyra, Tayra, Ipy*, foram proibidos no Brasil, fazendo com que só voltasse a compor nos anos 1980. Assim, *Fotografias* encerra lindamente a primeira fase de sua carreira, em um disco sensível, com canções sem refrão embaladas por um piano triste e confessional.

Satwa

Lula Côrtes e Lailson Rozenblit

O ENCONTRO DE LAILSON CAVALCANTI (19 anos) com Lula Côrtes (23) no festival pernambucano Feira Experimental de Música foi o estopim de um dos principais frutos da psicodelia nordestina. Um dos primeiros discos independentes do Brasil, *Sattwa* reuniu o violão de Lailson à cítara marroquina de Lula, em viagens instrumentais sem letras para evitar problemas com a censura.

Underground

Marku Ribas Copacabana

BASTAVA "ZAMBA BEM" PARA QUE A ESTREIA do percussionista mineiro tivesse lugar garantido em qualquer coleção que se preze. Clássico do samba rock, a faixa é a isca para um disco que tem conexões tanto com a musicalidade barroca do Clube da Esquina quanto com a tradição afrodiaspórica, traçando uma conexão que só havia sido cogitada pela turma de Milton Nascimento.

Ou Não

Walter Franco Continental

WALTER FRANCO FEZ ESCOLA DE ARTE Dramática, trabalhou com performance e trilhas para teatro e cinema, mas sempre foi da música. Quando quis lançar um disco, entregou fitas a Rogério Duprat com canções inspiradas pela poesia concreta. O maestro lhe devolveu *Ou Não*, o primeiro disco de remixes da história, construído nos 16 canais da nova mesa de som do estúdio Eldorado.

REPRODUÇÃO

Drama 3˚ Ato

Maria Bethânia Phonogram

MARIA BETHÂNIA JÁ ERA ESTRELA DE PRIMEIRA grandeza quando gravou seu primeiro ao vivo – e ainda deu-se ao luxo dizer que era a continuação do disco anterior, *Drama*, cujos dois lados do vinil eram divididos como primeiro e segundo atos de uma peça. A conclusão com o terceiro ato, com o subtítulo *Luz da Noite*, foi com esta surra de música e poesia, entregue na melhor impetuosidade, doçura e tensão características de suas apresentações. Bethânia dispara poemas e canções sem dar tempo para o ouvinte respirar: enfileira Lamartine Babo, Fernando Pessoa, Mário Lago, Antônio Bivar, Gilberto Gil, Clarice Lispector, Baden Powell, Roberto Carlos, Isabel Câmara, Caetano Veloso, Villa Lobos, Chico Buarque e mais, criando um caleidoscópio sentimental a partir de versos e notas como só ela poderia fazer.

A Música Livre de Hermeto Paschoal

Hermeto Pascoal Phonogram

INTEGRANTE-CHAVE DE GRUPOS INSTRUMENTAIS importantes (Sambrasa Trio, Brazilian Octopus, Conjunto Som 4 e Quarteto Novo), o bruxo alagoano desenvolveu o conceito de "música universal" para se distanciar dos rótulos. Foi assim que desbravou os EUA e foi parar na banda de Miles Davis. Gravou fora seu primeiro disco, mas produziu o seguinte no Brasil, quando retornou, no início dos anos 1970. *A Música Livre...* (que o faria carregar o "H" no sobrenome pelo resto da vida, devido a um erro de grafia) traz composições envolventes do próprio Hermeto ("Bebê", "Plin" e "Sereiarei") e desconstruções dos clássicos "Carinhoso" (Pixinguinha) e "Asa Branca" (Luiz Gonzaga). Uma viagem pelo mundo da música, conduzida pela batuta de um jovem mestre.

Luiz Gonzaga Jr.

Gonzaguinha Odeon

GONZAGUINHA TINHA QUASE 30 ANOS quando lançou seu primeiro álbum, mas tocava e compunha desde sempre – o que era de se imaginar, visto que era descendente direto de Luiz Gonzaga (que mesmo com questões mal resolvidas com o filho, o estimulava a fazer música). Assim, lançou compactos nos anos 1960, fundou o MAU (Movimento Alternativo Universitário, que fazia a circulação de shows de artistas iniciantes em universidades públicas) e tocava com frequência no programa *Som Livre Exportação*, apresentado por Elis Regina e Ivan Lins. Quando estreou em disco, sua maturidade artística já estava exposta em público e não mediu palavras, enfileirando dez crônicas que misturam folk, forró, rock, samba e bossa nova em áridas sagas sem finais felizes, incluindo seu primeiro sucesso, "Comportamento Geral".

Terra

Sá, Rodrix e Guarabyra Odeon

SEGUINDO A MODA POPULARIZADA POR Crosby Stills Nash & Young, o trio formado pelos cariocas Luiz Carlos Sá e Zé Rodrix e pelo baiano Guttemberg Guarabyra resolveu batizar-se com seus sobrenomes e assinar as músicas que compunham conjuntamente, do mesmo jeito como faziam Lennon & McCartney e Jagger & Richards. Cada um dos músicos já tinha suas carreiras fonográficas iniciadas (sendo Rodrix, que havia deixado o grupo que ajudou a fundar, Som Imaginário, o mais bem sucedido dos três). Juntos, eles fundiram gostos e influências em um gênero que batizaram singelamente de "rock rural", lançado no disco de estreia, *Passado, Presente e Futuro* (1972). Mas é no álbum *Terra* que Sá, Rodrix e Guarabyra alcançam o mérito de tornar clássico o novo gênero, influenciando várias gerações de artistas no futuro.

Francis Hime

Francis Hime Odeon

DEPOIS DE SE EMBRENHAR NA PRIMEIRA geração da bossa nova, participar de festivais e estudar trilha sonora nos EUA, o compositor Francis Hime voltou ao Rio e lançou seu primeiro disco. Para isso, o fez em trajes formais, arranjando suas canções (compostas com Vinicius de Moraes, Ruy Guerra e Chico Buarque) para uma orquestra de 60 músicos. Música brasileira de gala.

Os Tincoãs

Os Tincoãs Odeon

O TRIO FORMADO EM CACHOEIRA (BA) CANTAVA boleros, mas não gravava discos desde os anos 1960. Até que resolveram dedicar sua música a uma tradição de sua cidade, terra do terreiro mais antigo do Brasil, a Roça do Ventura. Assim, Dadinho (violão), Mateus Aleluia (atabaques) e Badu (agogô e ganzá) resgataram cantos seculares de origem africana e forjaram um verdadeiro clássico.

SP 73

Hareton Salvanini Continental

O ARRANJADOR PAULISTA HAVIA TRABALHADO com trilhas para teatro e publicidade, mas em 1973, passou a lidar com música popular. Além de produzir a estreia do Pessoal do Ceará, Hareton concretizou um sonho com o irmão, o dramaturgo Ayrton Salvanini: o de compor para uma orquestra. O resultado é o magistral *SP 73*, gravado com a Orquestra do Teatro Municipal de Campinas.

TEXTOS: ALEXANDRE MATIAS

Sivuca

Sivuca Vanguard

HÁ DEZ ANOS MORANDO NOS ESTADOS Unidos, o talentoso multi-instrumentista paraibano Sivuca já havia angariado renome internacional por múltiplas proezas: ao fazer os arranjos do hit "Pata Pata" (de Miriam Makeba) e do especial de televisão *An Evening with Julie Andrews and Harry Belafonte* (em 1972, a convite do próprio Belafonte) e compor, ao lado do arranjador Nelson Riddle, uma canção em homenagem ao pintor Vincent van Gogh. Seu disco homônimo de 1973, gravado quando ele ainda morava em Nova York e só lançado no Brasil (pelo selo Copacabana) no ano seguinte, ofereceu ainda mais provas de sua absurda exuberância musical, em arranjos modernos para músicas de Edu Lobo e Capinan, Sérgio Ricardo, Antônio Carlos e Jocafi, Hermeto Pascoal, Bill Withers, Ary Barroso e Luiz Gonzaga.

Antônio Marcos

Antônio Marcos RCA

"MIL NOVECENTOS E SETENTA E TRÊS", cantava Antônio Marcos na abertura de "O Homem de Nazareth", canção que consolidou seu nome como um dos grandes cantores populares do país nos anos 1970. Há uma década atuando em diferentes posições do mercado de entretenimento (começou como office-boy, atuou no Teatro de Arena, foi galã de telenovelas e lançou quatro álbuns), ele fez um disco ousado e orquestrado (com arranjos de Chiquinho de Moraes), cujo maior sucesso, a citada "O Homem de Nazareth", parecia puxá-lo para uma fase católica. O tom se equilibrava com canções mais mundanas, como o sucesso "Como Vai Você?", a balada "Quando o Amor Muda de Casa", o funk "Mensagem De Um Planeta Perdido" e o belo dueto com a então esposa Vanusa, "Minha Amiga, Minha Namorada".

No Sub Reino dos Metazoários

Marconi Notaro Rozenblit

"PERMANEÇO FIEL ÀS MINHAS ORIGENS/ Filho de deus, sobrinho de satã": este verso de "Fidelidade", do músico pernambucano Marconi Notaro, sintetiza o que possivelmente é a obra mais sertaneja do movimento chamado "psicodelia nordestina". Mesmo que as presenças de Robertinho de Recife (guitarra), Lula Côrtes (tricórdio, cítara e fazendo a arte do disco) e Zé Ramalho (violão) conduzam a sonoridade para aquela nova tradição que se criava na região no início dos anos 1970, o primeiro disco de Notaro, poeta nascido em Garanhuns, conversa diretamente com obras de outras disciplinas – como *Vidas Secas*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *O Auto da Compadecida* –, descrevendo séculos de vida na caatinga à luz da lisergia daquela década.

Odair José

Odair José Polydor

DEPOIS DE FORMALIZAR SUA SONORIDADE para além das influências óbvias, que eram Roberto Carlos e Bob Dylan, no esplendoroso sucesso *Assim Sou Eu...*, de 1972 (quando Odair juntou, pela primeira vez em disco, os músicos que se tornaram a banda Azymuth), o cantor e compositor goiano atingiu um público ainda maior com o seu trabalho seguinte. No álbum homônimo de 1973, que vendeu 700 mil unidades, Odair acumulou avassaladores hits populares que comentavam sobre a polêmica questão da contracepção ("Uma Vida Só (Pare de Tomar a Pílula)", censurada pela ditadura militar por conta de sua temática tabu), valorizavam a inocência do amor (a singela "Eu, Você e a Praça") e divagava sobre apaixonar-se por uma empregada doméstica ("Deixe Essa Vergonha de Lado"), além da imortal ode à solidão "Cadê Você?".

Canto por um Novo Dia

Beth Carvalho Tapecar

A GRANDE DAMA DO SAMBA CARIOCA JÁ tinha feito seu nome graças ao sucesso de "Andança", mas foi em 1973 que ela mergulhou na alma do gênero. *Canto...* traz uma banda de ilustres (Dino 7 Cordas, Martinho Da Vila), além da participação de Nelson Cavaquinho, em "Folhas Secas".

Trio Mocotó

Trio Mocotó RGE

OBRA-PRIMA DO SAMBA-ROCK, O DISCO torna épica uma história que parece lenda: três funcionários da boate Jogral começam a fazer música para acompanhar frequentadores ilustres da casa, entre eles, Jorge Ben. Juntos, Fritz Escovão, João Parahyba e Nereu Gargalo misturavam jazz, samba e funk, criando a sonoridade que tornaria-se sinônimo de música brasileira.

Samba da Bahia

Riachão, Batatinha e Panela Fontana

NA ETERNA DISPUTA ENTRE RIO E BAHIA SOBRE onde nasceu o samba, a terra da felicidade nos dá uma amostra contundente neste disco, que reúne representantes da vertente tida como original do gênero. *Samba da Bahia* é uma aula de batuque secular, concentrado em canções entoadas por três trabalhadores braçais que, nas horas vagas, faziam música.

REPRODUÇÃO

Tutti Frutti ou Cilibrinas do Éden

Cilibrinas do Éden Nosmoke Records

Tutti frutti é o nome da banda que acompanhou Rita Lee após ela ser expulsa d'Os Mutantes pelo ex-namorado, Arnaldo Baptista, em 1972. *Tutti Frutti* também seria o título do primeiro disco de Rita na vida pós-Mutantes, que acabou ignorado por 35 anos. Com Liminha, ex-colega de banda, na produção, Luis Carlini na guitarra, Lee Marcucci no baixo, Emilson Colantonio na bateria e a velha amiga Lúcia Turnbull na guitarra e vocal, o primeiro trabalho solo da roqueira foi lançado apenas em 2008, em uma edição pirata do selo europeu Nosmoke Records, com mil cópias numeradas, metade em vinil de 180 gramas, metade em CD, sob um novo título: *Cilibrinas do Éden*.

Cilibrinas era o nome da dupla de Rita com Lúcia Turnbull, que estreou no evento *Phono 73* misturando vocais femininos suaves com viola, flauta, violão e até sons de pássaros, mas não funcionou como elas esperavam. Decidida a retornar para um grupo de rock, Rita convidou para acompanhá-las o trio da banda Lisergia, seus vizinhos do bairro Pompeia. Juntos, foram rebatizados Tutti Frutti, mesmo título da primeira temporada de shows que se iniciou em agosto de 1973 no Teatro Ruth Escobar, elogiada pela crítica e ironizada por Arnaldo Baptista, que no auge de suas viagens lisérgicas, compareceu a diversas apresentações – um ano depois, ele lançou "Cê Tá Pensando que Eu Sou Lóki?", dos versos "Cilibrina pra cá/ Cilibrina pra lá/ Eu sou velho, mas gosto de viajar".

Em dezembro de 1973, aconteceram as gravações das faixas do disco, no estúdio Eldorado – tudo ao vivo, inclusive a primeira versão de "Mamãe Natureza". André Midani, diretor da gravadora Phonogram, porém, vetou o lançamento. O executivo queria transformar Rita em uma estrela solo desde os tempos de Mutantes (teve inclusive um affair com ela durante alguns meses de 1974), mas não enxergou maturidade artística e comercial na obra e engavetou as fitas, que só foram redescobertas no final da década de 1990. Anos depois, uma edição oficial do disco quase foi lançada, sob a supervisão do pesquisador Marcelo Fróes. Uma divergência sobre os direitos autorais fez com que a versão pirata (hoje disponível digitalmente no YouTube) permanecesse como o único registro físico da primeira fase solo da maior roqueira que o Brasil já viu.

MARCELO FERLA

DESTAQUES: "Mamãe Natureza", "Gente Fina É Outra Coisa", "Cilibrinas do Éden".

REPRODUÇÃO

ESPECIAL

JOÃO ROCK

A incrível trajetória de 20 anos do nosso festival mais brasileiro

DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

Fôlego de Rockstar

Em 2023, o *João Rock* chegou à vigésima edição ampliado, com ingressos esgotados e público maior do que nunca. Como a ideia de um grupo de amigos de Ribeirão Preto se tornou um dos principais eventos do calendário de shows do Brasil? POR FELIPE GRUTTER

FILIPE MARQUES/ DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

De os paralamas do sucesso, João Barone. Do Led Zeppelin, John Bonham. Do The Doors, John Densmore. Três bateristas talentosos, três músicos de legado, três dos tantos "Joões" que fazem e compartilham do amor pelo rock. Foi para homenagear a figura do roqueiro, famoso ou anônimo, que dois amigos idealizaram o nome para o festival de música brasileira que se tornaria um dos nomes mais sólidos do gênero no país: o *João Rock*.

O evento, que acontece desde 2002 em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, é uma celebração da música brasileira e de nossa rica cultura. Em 2023, a vigésima edição aconteceu em grande estilo, com expansão da área do festival, a adição de mais um palco (são quatro) e talentos do calibre de Gilberto Gil, Alceu Valença, Tom Zé, Ira!, Pitty, Planet Hemp, Capital Inicial, só para citar alguns. Ao todo foram mais de 30 atrações, que se apresentaram em 3 de junho para um público de 70 mil pessoas. Os ingressos se esgotaram um mês antes do evento – um sold out que se repete, aliás, há uma década.

Esse é o capítulo mais recente de uma história que inaugura a nova década do *João Rock*, que há vinte anos carrega em seu repertório o conhecimento estratégico e boas escolhas de seus criadores, Marcelo Rocci, sócio fundador e diretor artístico e comercial, e Luit Marques, sócio fundador e diretor de produção.

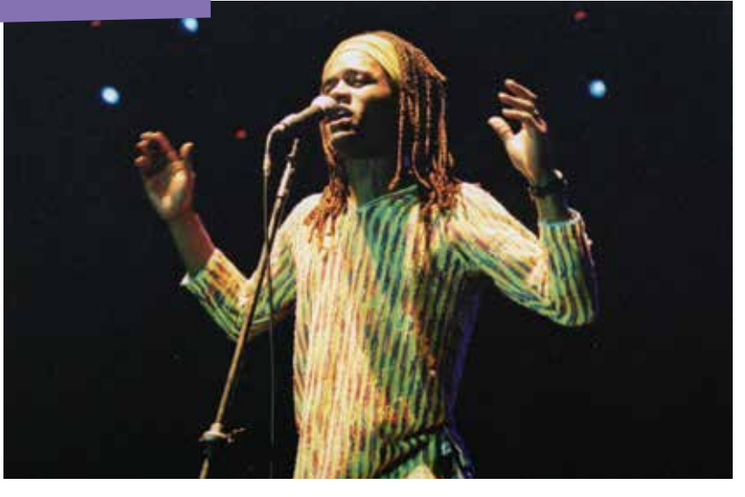
Antes de trabalhar somente com shows e apresentações de artistas ao vivo, a dupla de amigos começou a organizar festas durante a faculdade, nos anos 1990. "A gente gostava muito de ir a festivais. Íamos para o *Hollywood Rock* e alguns shows em São Paulo. Isso sempre foi um motivo de grande alegria para nós", lembra Rocci. "Em mais de 10 anos, tínhamos um calendário de festas que aconteciam aqui em Ribeirão, com grandes nomes da música." Passada a faculdade, era a hora da "pós-graduação" – a criação de um festival de música. A ideia de avançar sobre esse terreno agradava aos dois sócios, mas era preciso cautela.

"Esperamos um momento oportuno de estar com um negócio sólido", explica Marques. "Porque o evento é um projeto com muitas variáveis, e você precisa estar seguro, do ponto de vista profissional e financeiro, para responder com as suas responsabilidades." A hora certa viria com o começo do século, mais precisamente em 2001, quando os dois começaram a estruturar a estreia do festival para a década seguinte. A essência já estava lá desde a origem, o que diferenciou o *João Rock* de outros eventos.

Rocci explica que quase todos os festivais do mundo são caracterizados pela figura de uma guitarra ou de um baixo, então surgiu a vontade de homenagear os bateristas – daí veio a associação a aqueles que têm João no nome, como João Barone, John Bonham e John Densmore, além de um amigo em comum dos dois, também João e também baterista. "A gente imaginava que não seria legal colocar 'Ribeirão Rock', 'Ribeirão Fest Rock' ou qualquer coisa nesse sentido", ele explica. "Naquela época, foi muito importante esse lance de [*o festival*] ter um nome próprio para homenagear todos os Joões da música, conhecidos ou não."

Clássicos

(*Ao lado*) João Barone, um dos inspiradores do nome do festival, apresentando-se no *João Rock* em 2016; (*abaixo*) CPM22 e Cidade Negra fizeram parte do histórico elenco da primeira edição, em 2002



DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

Variedade

Ao longo dos anos, vários gêneros passaram a ser contemplados nas edições do João Rock: (*acima*) Falcão e Lobato comandaram o rock engajado d'O Rappa em 2008; (*abaixo*) Mano Brown, em 2019, e Emicida, em 2017, levaram a força do rap brasileiro aos palcos do festival

DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

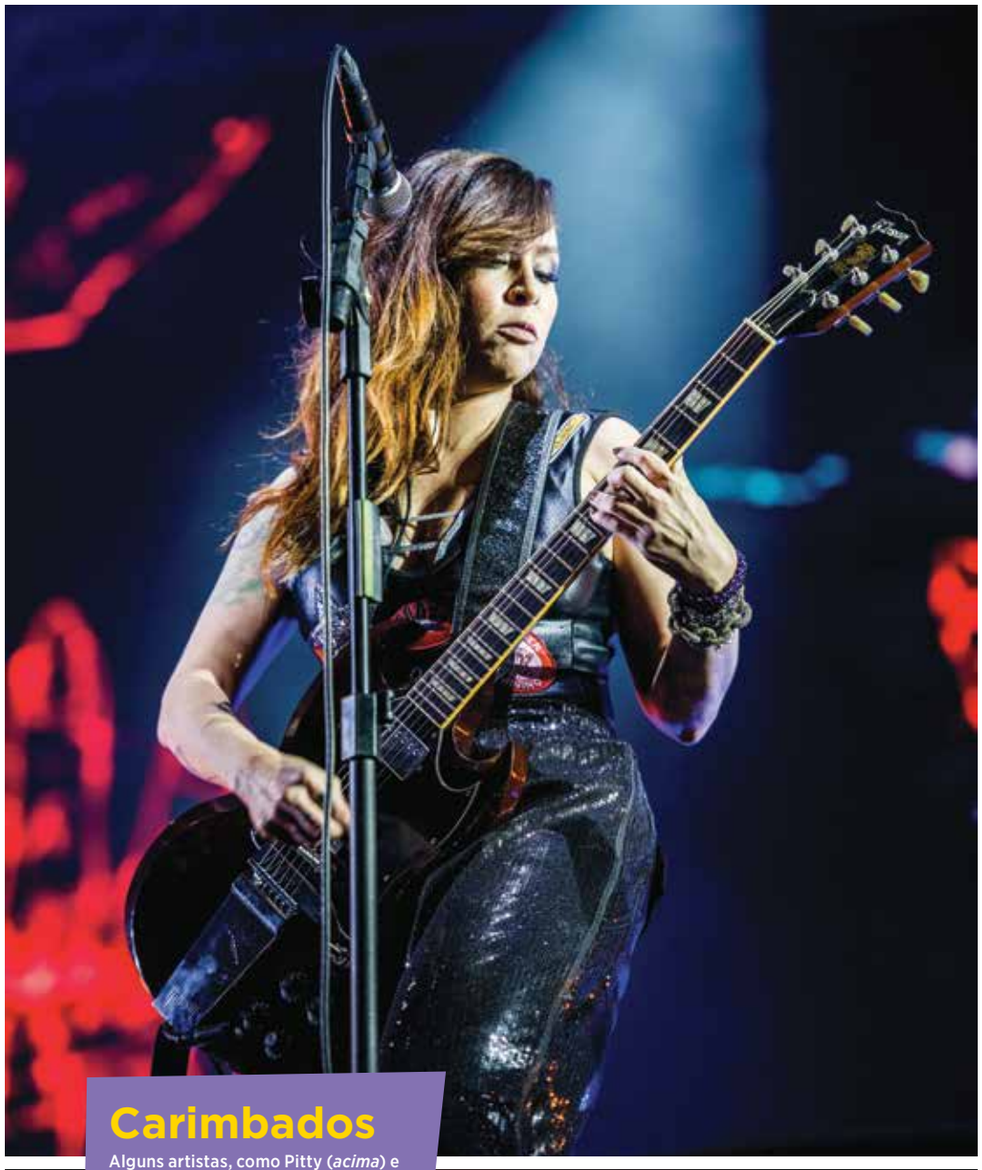
Os nomes que se apresentaram naquela histórica primeira edição são dignos de inspirar todas as versões futuras do *João Rock*: Titãs, Ira!, Cidade Negra e CPM22 – a "banda revelação" daquele ano no VMB da MTV Brasil. Desde então, o *João Rock* passou a andar apenas para frente, sem nunca parar de crescer. As seis primeiras edições aconteceram no Estádio Doutor Francisco de Palma Travassos-Comercial F.C, mas, a partir de 2008, começou a ser realizado no Parque Permanente de Exposições de Ribeirão Preto, onde permanece até hoje.

O festival também foi precursor de vários aspectos que hoje são típicos entre os eventos de grande porte no Brasil. "Fomos o primeiro festival a ser transmitido pela internet, o que aconteceu pelo portal *Terra*", diz Rocci, que também ressalta o pioneirismo do *João Rock* em ter palcos com nomes de marcas e produtos. Já em 2012, teve início uma parceria com o canal *Multishow*, que dura até hoje. Antes disso, o festival foi tema de uma matéria do *Fantástico*, da TV Globo. Foi com uma baqueta na mão que o *João Rock* botou Ribeirão Preto de vez no horário nobre nacional.

Se a vontade de celebrar a música nacional foi o conceito usado na criação do *João Rock*, o festival teve outra influência central em sua formação: seu berço de origem. Foi justamente Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, a responsável por somar (e muito) à causa do projeto.

Luit Marques menciona essa importância ao ressaltar que a cidade "sempre foi muito acolhedora", além de ser "um ícone regional e nacional na formação de marcas". Mesmo com mais ingressos vendidos na capital paulista, existe um trabalho de mão dupla entre Ribeirão Preto e o *João Rock*. "É uma cidade com charme e curiosidade, o que ajuda o fortalecimento. O clima tem muito para entregar para um festival. Somos daqui, mas nascemos num lugar muito bacana para se fazer um bom festival", explica o empresário.

"Eu brinco que Ribeirão Preto é a capital do interior do Brasil", completa Rocci. "É um lugar de referência para um raio entre 200 e 300 quilômetros, além de ser uma cidade universitária e jovem."



Carimbados

Alguns artistas, como Pitty (*acima*) e Fernando Badauí, do CPM22 (*abaixo*), tocaram no João Rock dezenas de vezes ao longo dos anos

A o longo desses 21 anos, o *João Rock* realizou vinte edições com shows e parcerias inesquecíveis. Uma delas é a cantora Pitty, que fez parte do elenco nada menos do que treze vezes. Outra figurinha carimbada é o grupo CPM22, que cruzou caminhos com o festival quando ainda era uma aposta, na primeira edição, e também tem treze aparições.

Outra parceria notável foi com Rita Lee, que fez dois shows no *João Rock*, em 2006 e 2010. Inclusive, Marcelo Rocci conserva com carinho a primeira apresentação da cantora paulistana em seu festival. "O primeiro show dela foi incrível. Para você ter uma ideia, o Chorão estava atrás do palco, chorando por tocar no mesmo lugar que ela", relembra.

E por falar em Chorão, o Charlie Brown Jr. também deixou uma grande marca no *João Rock*, com seis apresentações no total. Além de shows autênticos e viscerais, o icônico vocalista estabeleceu uma ligação forte com o evento – algo que

VINICIUS GROSBELLI / DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

Rainha

Rita Lee levou sua presença de palco inesquecível ao *João Rock*, em um show cheio de hits em 2010

parece se repetir com outros artistas nos últimos anos, como O Rappa, Emicida e Marcelo D2. Esse clima de familiaridade deixa os próprios artistas muito entusiasmados com a celebração da música que acontece em Ribeirão Preto. Em uma das edições, Caetano Veloso fez um show solo na cidade, mas apareceu de surpresa na apresentação d'Os Mutantes, algo que não acontecia desde a década de 1970.

Em sua história, o *João Rock* se mostrou antenado no presente e nas tendências que podem surgir, mas soube também valorizar os ícones de nossa música, além de trazê-los para os palcos. Em 2017, o Palco Brasil foi responsável por exaltar a pluralidade da cultura nordestina, com Zé Ramalho, Alceu Valença, Lenine e Nação Zumbi. No ano seguinte, o mesmo palco celebrou os 50 anos da Tropicália, recebendo Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé e Os Mutantes. Outro grande feito do *João Rock* foi em seu aniversário de 15 anos, em 2016, quando conseguiu reprisar as mesmas atrações da edição de 2002, mesmo com Cidade Negra, Ira!, CPM22 e Titãs vivendo momentos completamente diferentes.

"O Palco 2002 teve um sabor muito especial e existe um lado emocional muito forte nisso", reforça Luit Marques. "Colocar os mesmos nomes – e ainda teve o Cidade Negra, que deu uma parada e voltou... Passa um filme pela cabeça. Não só pela relevância da comemoração dos 15 anos, mas porque foi uma grande mudança do espaço físico do evento." Aliás, a edição de 2016 serviu como o grande divisor de águas para a organização do festival, que passava a receber mais de 50 mil pessoas. "Mudou o comportamento e a experiência. Já era um festival grande, mas vimos ali uma passagem", diz Marques. "Colocar tudo isso de gente em um só lugar é uma enorme responsabilidade. Foi uma quebra de barreira, um ano que ficou para a história."

Surgido no começo dos anos 2000, o *João Rock* sempre falou bem a língua da mudança – ou das muitas mudanças que marcaram as duas décadas seguintes. Avanços de tecnologia e revoluções na indústria transformaram o panorama da música, mas somente o bastante para que o festival respondesse a cada novidade também com inovação.

"Hoje é tudo muito rápido, e isso traz muita informação, principalmente do lado artístico. Mas também são muitas possibilidades de conexão com o público", diz Luit Marques. Um exemplo disso é a comemoração de 20 anos que Pitty fez do álbum *Admirável Chip Novo* no *João Rock 2023*. Em 2004, um ano após o lançamento do disco e quando ela estreou no festival, o principal canal de divulgação e medição de um álbum era o rádio. Hoje, a audiência é medida pelas plataformas de streaming.

"Antes, as gravadoras diziam o que é bom e o que não é. Hoje, temos a possibilidade de qualquer trabalho independente romper barreiras. Sempre estivemos muito atentos a isso", pondera Marques. Por conta disso, nomes como Pitty, CPM22, Cone Crew e Mallu Magalhães foram

DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

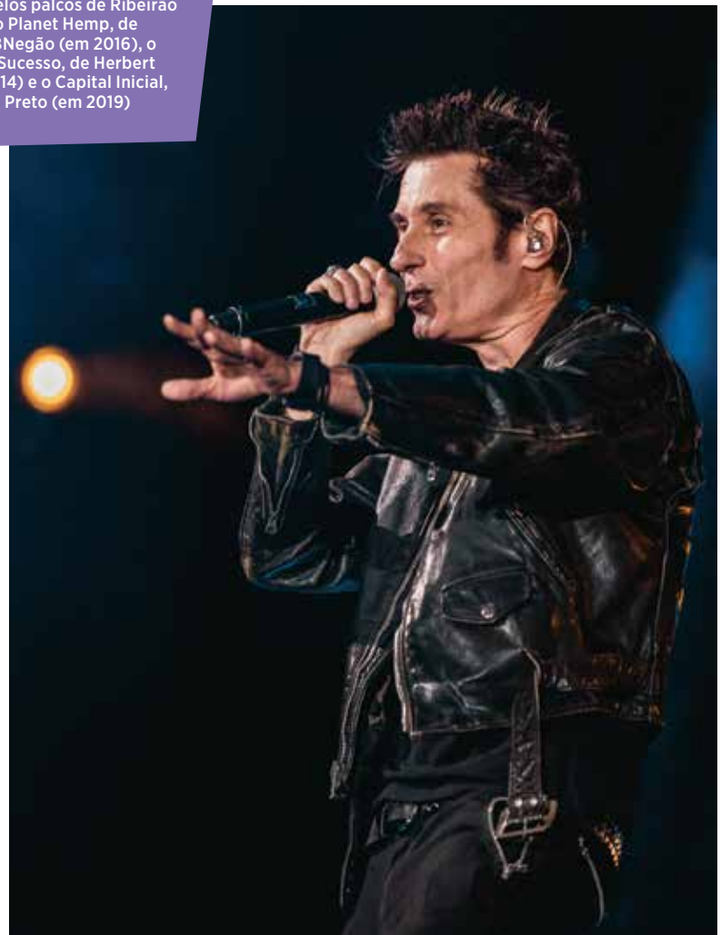
Saudades

Ao longo de sua história, o *João Rock* deu ao seu público a oportunidade de conferir artistas que hoje não estão mais entre nós, como o baixista Canisso, da banda Raimundos, em 2019 (*no alto, à esq.*), o ícone Erasmo Carlos, em 2022 (*acima*) e o Charlie Brown Jr. de Chorão e Champignon, em 2012 (*abaixo*)

FABIO CODATO/ DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK (CHARLIE BROWN JR.); DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

É rock!

Fazendo justiça ao nome do festival, bandas nacionais de todas as épocas já passaram pelos palcos de Ribeirão Preto – como o Planet Hemp, de Marcelo D2 e BNegão (em 2016), o Paralamas do Sucesso, de Herbert Vianna (em 2014) e o Capital Inicial, de Dinho Ouro Preto (em 2019)



FERNANDO SCHLAEPFER/ DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK (PLANET HEMP); DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK

bem recebidos em suas estreias no João Rock.

Essa atenção às tendências aparece tanto na escolha do elenco como na estrutura do evento. "Como profissional, precisamos nos reinventar, procurar cada dia melhorar e se repaginar", explica Marcelo Rocci. "Isso fez parte de nossa história durante esses vinte anos, para acompanharmos o que surge e o que pode surpreender o público."

Em 2023, a novidade do Palco Fortalecendo a Cena foi o foco no trap, subgênero do rap que ganhou força nos últimos anos, representado por Hyperanhas, Borges, Tasha & Tracie, Major RD e Don L. Ou seja, o trap foi uma aposta do festival com base em estudos de mercado e comportamento das pessoas que ouvem música. "Tem que ter feeling para tentarmos acertar e arriscar", diz Rocci. "Por exemplo, o CPM22 foi uma aposta em 2002, depois virou uma realidade. Também apostamos na Pitty, assim como tentamos outros nomes que não deram tão certo. O importante é manter esse olhar para o novo."

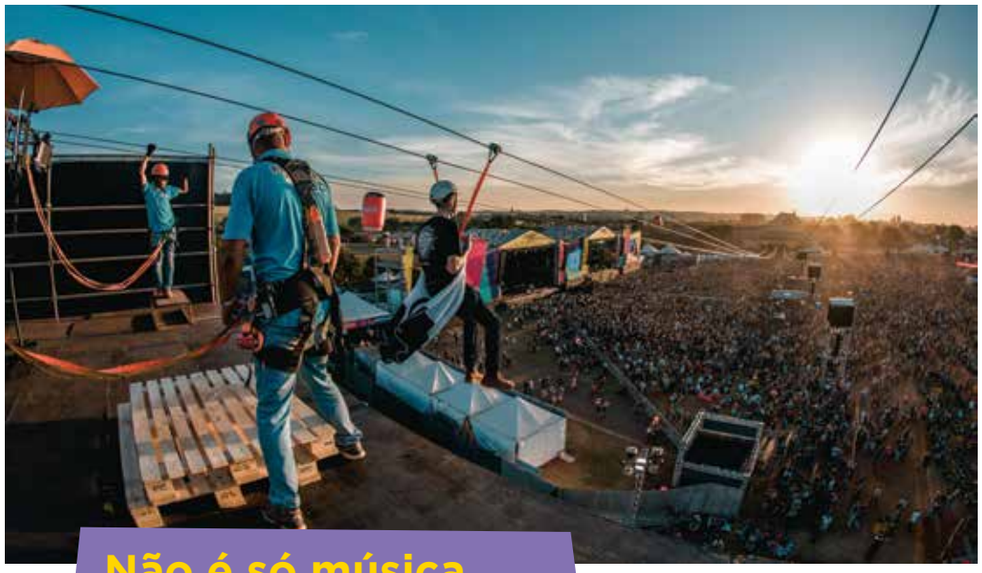
Outro fator importante para o crescimento do *João Rock* foi o investimento recebido, permitindo que acompanhasse de perto o nível dos principais eventos do país. "Quando você ganha capacidade de investir, e hoje a gente pode dizer que trabalha com os principais profissionais do setor – seja de áudio, vídeo ou infraestrutura –, isso faz com que a entrega realmente seja diferente", pontua Luit, que explica que a primeira década foi marcada pelo fortalecimento desses investimentos, tanto internos quanto de parceiros, o que permitiu a formação de uma marca. "Houve uma transformação significativa ao trazer tecnologia, e isso é algo que apenas o crescimento oferece", ele ensina. "Hoje, isso é uma realidade do festival."

Com autonomia e destaque em âmbito nacional, o *João Rock* se orgulha de trabalhar com os melhores produtos e profissionais da área no Brasil. "Tudo o que acontece em qualquer dos grandes festivais do país está aqui também. Isso não deixa de trazer uma confiança maior", define Rocci.

"Nos primeiros dez anos, a gente era um pouco operário. Já tivemos uma fase de plantar, construir marca. Agora, nos sentimos mais tranquilos de ter essa seleção de grandes profissionais ao nosso lado", ele diz.

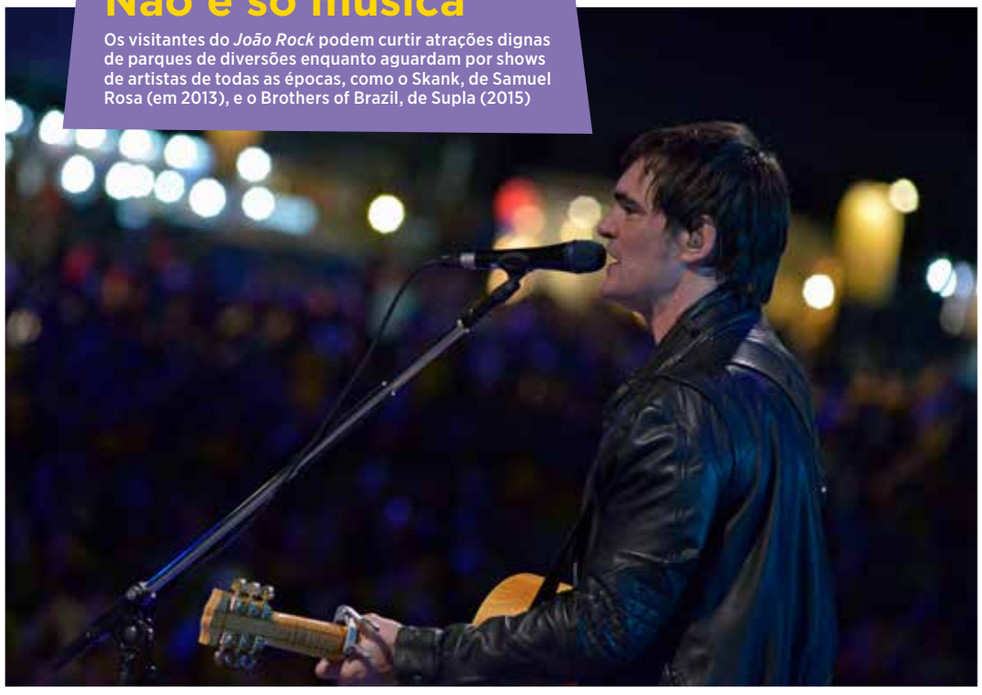
Por mais que artistas estrangeiros sejam os grandes atrativos em festivais no Brasil, o *João Rock* consegue a proeza de se sustentar e sobreviver somente com nomes brasileiros em sua programação. Isso porque parece haver uma identificação do público com quem está no palco, cantando "a trilha sonora da vida das pessoas". Essa percepção parece ser compartilhada também pelas atrações do festival, que não raro exaltam a brasilidade do *João Rock* – como CPM22 e Emicida fizeram em 2022. Inclusive, o rapper paulistano fez um discurso poderoso em que apontou que o *João Rock* é a prova de que não "precisamos de gringo para fazer um festival foda".

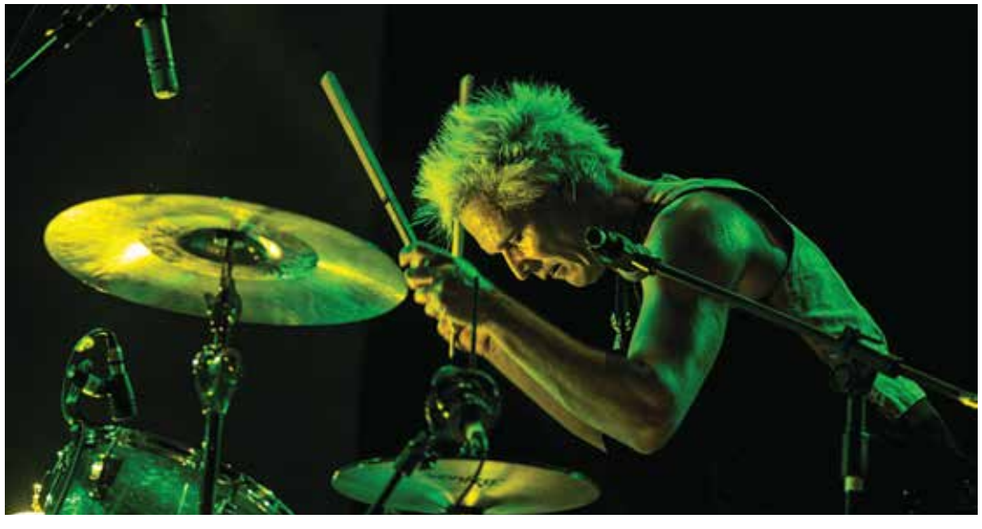
"Com tanto artista foda no Brasil, ter o privilégio de trabalhar com a música nacional é algo espetacular", define Marcelo Rocci. "Ter a possibilidade de colocar isso dentro do nosso quadrado, com a nossa verdade, com aquilo que a gente tem prazer em fazer."



Não é só música

Os visitantes do *João Rock* podem curtir atrações dignas de parques de diversões enquanto aguardam por shows de artistas de todas as épocas, como o Skank, de Samuel Rosa (em 2013), e o Brothers of Brazil, de Supla (2015)





ANDRE HAWLE/ DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK (SAMUEL ROSA); GUSTAVO VARA / DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK (SUPLA); DIVULGAÇÃO JOÃO ROCK